

Revista da  
Reitoria  
da Universidade  
de Coimbra

Número 28  
Trimestral  
Abril  
2010

[www.uc.pt/rualarga](http://www.uc.pt/rualarga)  
[rualarga@ci.uc.pt](mailto:rualarga@ci.uc.pt)



# RUA LARGA



PROPRIEDADE Universidade de Coimbra  
DIRECTOR Fernando Seabra Santos  
DIRECTOR-ADJUNTO José António Bandeirinha  
EDITORES Marta Poiares e Pedro Dias da Silva  
DESIGN E EDIÇÃO DE IMAGEM António Barros  
FOTOGRAFIA João Armando Ribeiro  
INFOGRAFIA Maria João Freitas e Sérgio Brito  
[ DIIC - Divisão de Identidade, Imagem e Comunicação ]  
PRODUÇÃO Lúcia Ferreira e Luísa Lopes  
COORDENAÇÃO ADMINISTRATIVA Ilídio Barbosa Pereira  
EDIÇÃO DIIC - Divisão de Identidade, Imagem e Comunicação  
Colégio S. Jerónimo, 2.º Piso, Apartado 3020 • 3001-401 Coimbra  
IMPRESSÃO Litografia Coimbra, S.A.  
TIRAGEM 3.200 ex.  
ISSN 1645-765x • Anotado no ICS  
CAPA Balança de Cartas, Marianne Brandt, 1930. Coleção Paulo Parra: "Entre a Bauhaus e o Novo Racionalismo"  
XII Semana Cultural da Universidade de Coimbra  
[www.uc.pt/rua/larga](http://www.uc.pt/rua/larga)  
Tel. 239 859 823  
PONTOS DE VENDA  
Loja UC e Artefólio/ Livraria de Bolso • TAGV

Editorial • Fernando Seabra Santos • 04

## REITORIA EM MOVIMENTO

*O insuperável e a avaliação do desempenho* • Henrique Madeira • 07

## OFICINA DOS SABERES

### ACTUAL

*Três projectos culturais da Imprensa da Universidade de Coimbra* • João Gouveia Monteiro • 10

*Actividades editoriais independentes: a Imprensa Canalha* • João Miguel Lameiras • 12

### IMPRESSÕES

*Associação Existências* • Paulo Anjos • 16

*Justiça no desporto infanto-juvenil* • António José Figueiredo • 19

Secção Filatélica da AAC • 22

*Ciência Participativa na Escola para a Sociedade Desde os Mais Pequenos* • Anabela Marisa Azul • 25

### BREVES

*Maria Helena da Rocha Pereira e Luís Reis Torgal premiados* • 28

*Projecto Seed incentiva criatividade dos estudantes* • 28

*Via Latina: para lá das margens da página* • 29

### RIBALTA

*República: Lições de um Centenário* • Ernesto Rodrigues • 30

*A UC no início do grande colisionador hadrónico* • João Carvalho • 33

### CIÊNCIA REFLECTIDA

*Preservação do património documental do Arquivo da Universidade de Coimbra: intervenção científico-tecnológica*

Maria José Azevedo Santos, António Manuel Rocha Gonsalves, Catarina Santos • 36

*Plantas Invasoras: Conceitos, Impactes e Investigação* • António C. Gouveia e Elizabete Marchante • 38

## AO LARGO

### ENTREVISTA

*Almeida Faria* • Marta Poiares e Pedro Dias da Silva • 40

### RETRATO DE CORPO INTEIRO

*Carlos Figueiredo* • Marta Poiares • 45

### CRÓNICA

*História de um Ciclo de Cinema, de uma Visão do Ensino Superior* • Júlio Mota, Luís Lopes e Margarida Antunes • 51

### CRIAÇÃO LITERÁRIA

*Lisboa, 13 de Março de 2010* • Jorge Vaz Nande • 56

### LUGAR DOS LIVROS

## ESPAÇO DAS ESCOLAS

*A Torre da Universidade de Coimbra* • António Filipe Pimentel • 62

## TEMAS

### XII SEMANA CULTURAL DA UC

*Causa Pública: O Público e o Mediático* • Pedro Dias da Silva • 67

*Seis dias para reduzir o monólogo ao seu mais irreduzível* • Pedro Crisóstomo e Sara Oliveira • 71

# O desempenho da avaliação

Fernando Seabra Santos \*

Quando estas linhas forem publicadas, já o regulamento da avaliação do desempenho dos docentes se encontrará não só aprovado, mas em vias de ser publicado no *Diário da República*. Poucos documentos produzidos pela UC terão conhecido um processo tão minucioso de discussão interna, mobilizando o contributo e concitando a reflexão de todos os agentes directa e indirectamente envolvidos. Mesmo que nenhuma outra consequência houvesse a registar, este vasto esforço e o que ele significa de perquirição séria, de vivo confronto de ideias e de auto-interpelação desassombrada são, só por si, merecedores do nosso regozijo.

Montar um sistema de avaliação compatível com a complexidade que caracteriza a realidade académica actual, a que acrescem as especificidades de uma universidade com a dimensão e com o lastro histórico da UC, foi uma tarefa árdua, que não nos poderia nunca deixar inteiramente satisfeitos. Temos, no entanto, consciência de que encontrámos um consenso extremamente alargado. Habitamos um meio propício à inércia. Para complicar o cenário, e como se já não estivéssemos, á partida, perante uma matéria de extrema sensibilidade, o legislador agiu como já fizera com outras matérias do mesmo género: atirou-a, desresponsabilizando-se com uma boa dose de irresponsabilidade, para a esfera de competência das Universidades, dando aos Reitores seis meses para resolver um problema que, nos níveis de ensino básico e secundário, o Governo não foi capaz de resolver em quatro anos.

Para contrariar as dificuldades, podíamos contar a nosso favor com uma classe profissional exigente consigo mesma, habituada a ser avaliada pelos seus pares e desejosa de mostrar que “quem não deve, não teme”. Contamos igualmente, em Coimbra, com um conjunto grande de profissionais competentes e lúcidos, que fazem a opinião universitária e que estão, sem excepções, a favor da avaliação, porque compreendem — apesar de não ser conhecido um outro sistema tão geral e tão exigente como o nosso — que ela põe à nossa disposição um instrumento poderoso para, cumulativamente, acrescentarmos qua-

lidade à nossa Universidade, melhorarmos as nossas prestações individuais como docentes, detectarmos e combatermos situações comprovadamente desviantes, e prestarmos, em suma, um melhor serviço aos nossos estudantes.

De facto, uma vez levantado o edifício jurídico e regulamentar, erigido pelas etapas do RGIES, do ECDU e dos próprios Estatutos da Universidade, era nossa obrigação legal, e seria tibieza não o fazer, avançar de imediato para um modelo ousado e cabal de definição dos objectivos e dos critérios de medição do desempenho, com vista à aferição sistemática daquela que é, ou pelo menos deve ser, a essência mesma da nossa múltipla actividade enquanto docentes do ensino superior. Apontou-se, assim, para um processo que fosse suficientemente simples para ser exequível, suficientemente detalhado para ser justo, suficientemente cauteloso para evitar soluções definitivas, suficientemente modesto para prever a melhoria progressiva, e suficientemente flexível para permitir opções individuais e culturas institucionais diversas. O resultado está à vista, mas apenas na medida em que foi traçado um caminho, que só agora começaremos a trilhar.

Na verdade, tudo isto será pouco sem o (des)empenho, a boa vontade e a participação construtiva de todos, avaliadores e avaliados. E que o regulamento da avaliação, sendo uma ferramenta decisiva para uma vivência profissional capaz de seriamente se pensar, em si mesmo de nada vale, pois o importante é aquilo que a Universidade, e antes de mais cada um dos intervenientes no processo de avaliação do desempenho, quiser que esta seja. Nessa tarefa conjunta todos somos necessários, e só assim daremos conteúdo verdadeiro e verdadeiro sentido ao desempenho da avaliação, permitindo que ela represente, com o empenho e a inteligência de todos, um instrumento efectivo, mas não mais do que um instrumento, de melhoria do nosso desempenho.

Reitoria  
em Movimento



# O insuperável e a avaliação do desempenho

Henrique Madeira \*

Recordo vivamente a cara de Edmund Lyndeck no momento da esmagadora ovação final. Sorria de prazer, comovido, como se de repente toda a lógica se tivesse invertido e o milhar de pessoas que o aplaudia de pé tivesse ido naquela noite de neve ao Byham Theater, na baixa de Pittsburgh, PA, EUA, apenas para proporcionar aquele momento de prazer ao velho actor. Sorria e chorava, baixando a cabeça numa vénia lenta, para depois voltar a encarar a plateia, enlevado, sorrindo sempre, transfigurado agora num homem simples, tão longe da máscara perfeita de Ebenezer Scrooge, sem saber o que fazer às mãos rápidas e confusas.

Comovia vê-lo assim, cheio de prazer, longe dos momentos tortuosos em que ensaiou até à exaustão as palavras e os gestos, até que o mais subtil arquear das sobranceiras, a mais pequena inflexão na voz, entrasse no momento certo.

“Deixai-me fazer o insuperável!”. É esse o grito de cada artista quando obsessivamente procura a perfeição. E pouco importa se a procura para nos maravilhar ou para sorrir de prazer ao sentir a ovação, como Edmund Lyndeck. O que importa é que a verdadeira arte vive a constante procura do insuperável. Só isso interessa, pois o resto pode parecer arte mas não o é. Sabemos isso, sentimos isso, porque não nos comove, não nos toca da mesma maneira.

A investigação científica é também a procura do in-

superável. A obsessão, o excesso, a entrega total ao acto criativo fazem inevitavelmente parte da vida dos investigadores. E também a exaltação de quem confirma uma hipótese, a alegria quase infantil de quem descobre, finalmente, algo verdadeiramente novo, o prazer tão humano de quem vê o seu contributo reconhecido pelos pares. Há nos verdadeiros cientistas o mesmo grito que Karen Blixen escutava nos grandes artistas: “Deixai-me fazer o insuperável!”. Só isso interessa, pois o resto pode parecer ciência mas não o é. Sabemos isso, sentimos isso, porque só a verdadeira ciência toca de verdade a vida das pessoas.

Vejo mentalmente a aula de um professor, a última aula que encerra a disciplina, a aula em que os alunos, respondendo a um impulso, se despedem do professor com um enorme e inesperado aplauso. E no embaraço do professor, no sorriso hesitante, nos gestos inseguros de quem, por uma vez, ficou sem resposta, na comoção do momento, guardo o remorso de não ter aplaudido mais vezes os dois ou três grandes professores que tocaram a minha vida. Mas lembro-me das suas aulas, da grandeza com que nos falavam de tudo o que estava para além das aulas, do confronto, muitas vezes solitário, do investigador com o problema que nunca ninguém resolveu, ou do sorriso simples com que nos explicavam o que acontece à fórmula segura e certa da sebenta quando esta se encontra com as proporções reais de uma obra de engenharia.

O que move estes perfeccionistas? O que mobiliza os verdadeiros criadores de conhecimento, os grandes cientistas e pedagogos? Não é, certamente, nenhum sistema de contabilidade do talento. Move-os o simples facto de saberem que tocam indelevelmente a vida das pessoas, os seus alunos, os seus orientandos, a sociedade.

E a sociedade, o que vê a sociedade? “Deixai-me fazer o insuperável!”. Onde um perfeccionista vê desafio e razão de vida, a sociedade, o gestor, vê riscos. O acto criativo, a investigação científica, o perfeccionismo pedagógico são actividades de alto risco. E quem aspira ao insuperável no acto criativo corre os riscos maiores. O risco de nada criar, o risco de não ser compreendido, o risco de ser ultrapassado por quem contabiliza pequenas criações que pouco contam. Se o risco pouco importa ao perfeccionista, à sociedade importa muito.

Na viagem da descoberta do caminho marítimo para a Índia, Vasco da Gama perdeu mais de um terço da tripulação. A sociedade de hoje não aceita este nível de risco, e nem precisamos de pensar no risco maior, que é a perda de vidas humanas. A tolerância ao erro e risco, ingredientes indissociáveis da descoberta e do progresso, atingiu hoje, na nossa sociedade, os seus índices mais baixos. A noção de que tudo é um serviço e que um serviço é prestado com qualidade, que se mede, é um valor profundamente interiorizado.

É este o paradoxo. À Universidade pede-se mais criação de conhecimento, fonte de progresso, mas pede-se também que o faça em segurança, com o mínimo de risco, de forma economicamente eficiente. E pede-se também que a Universidade forme os profissionais mais qualificados da nossa sociedade e talvez mesmo, como dizia Ortega y Gasset, pede-se que assegure a profissão mais importante de todas: “a profissão de mandar”. E pede-se que a Universidade preste contas de tudo isto, porque a accountability é hoje um valor essencial – e necessário – da nossa sociedade.

Vivemos, porque nos fascina, a visão romântica do grande investigador, do grande pedagogo. Mas também sabemos que o exercício da liberdade de pensa-

mento, que acolhe e alimenta estes perfeccionistas, é de grande fragilidade, e que é facilmente desacreditado por oportunistas, por gente sem qualidade, que finge tão bem ser investigador que até se convence de que faz investigação científica. Ou de que dá excelentes aulas. E, se necessário for, haverá sempre um currículo inchado de quase nada para o comprovar. O exercício da liberdade do pensamento vive paredes-meias com o exercício da liberdade de nada fazer. E é nessa linha muito ténue que se joga o futuro da Universidade.

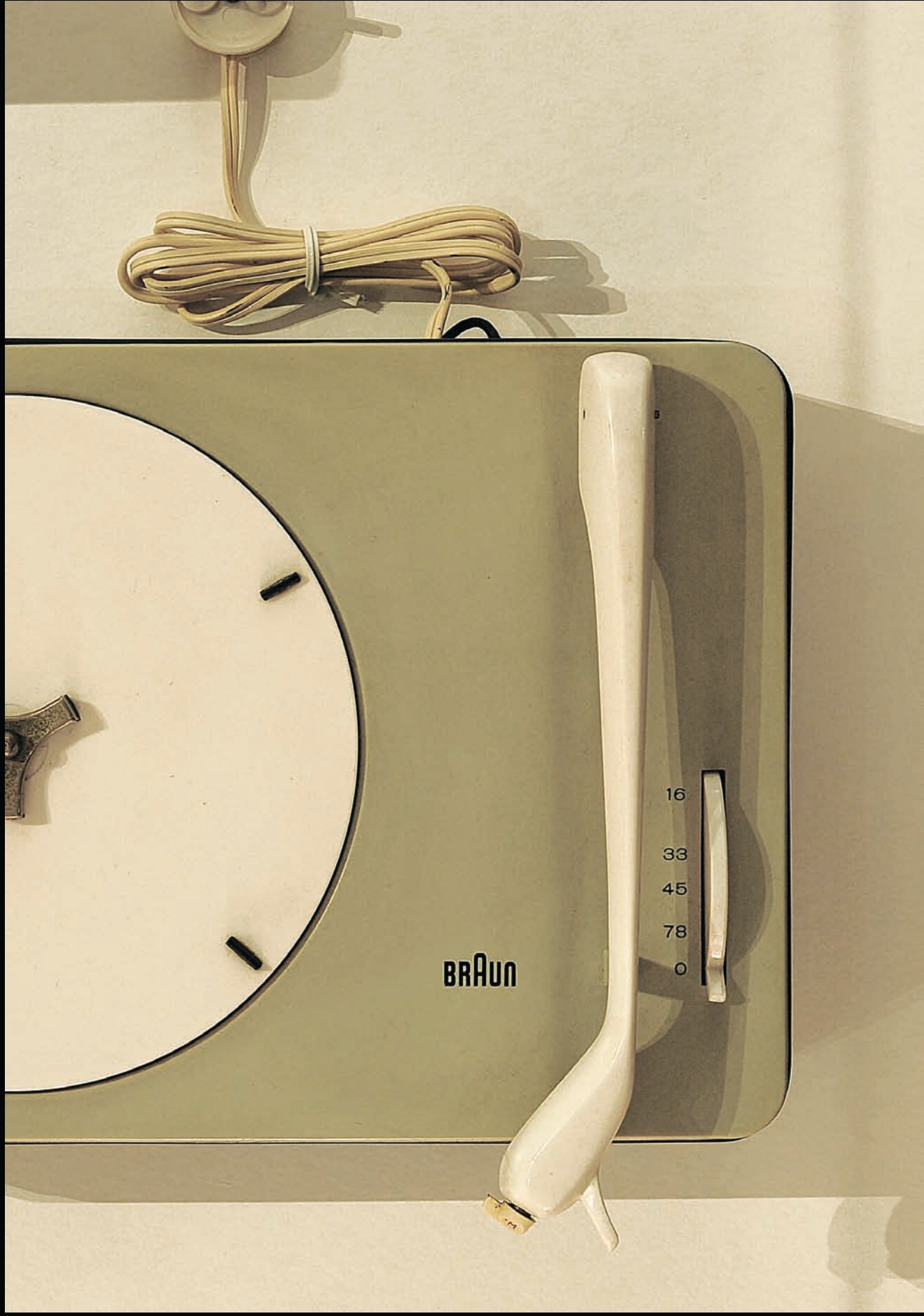
A Universidade de Coimbra aceitou o desafio de definir um método de avaliação do desempenho dos docentes consciente das dificuldades e dos riscos dessa tarefa, mas acreditando também no valor do acto de avaliar, com bom senso e sabedoria, como elemento essencial da promoção da qualidade. A definição do método de avaliação levou a uma profunda discussão interna, em que todos os documentos produzidos estiveram sempre à disposição dos docentes, resultando em dezenas de reuniões com grupos de docentes para discussão das propostas e em centenas de mensagens electrónicas de resposta às dúvidas e comentários.

O regulamento estabelece o processo de avaliação do desempenho e define os mecanismos para a identificação dos objectivos de desempenho dos docentes para cada período de avaliação, explicitando a visão e os objectivos da instituição, nos seus diversos níveis orgânicos, e definindo um quadro de referência claro para a valorização das actividades dos docentes, com vista à promoção da melhoria da qualidade do seu desempenho.

Mas um regulamento é apenas um instrumento. E como qualquer instrumento, muito se joga na maneira como este é utilizado. Na frase espirituosa do Professor Kishor Trivedi, “A fool with a tool is still a fool” há, no fundo, uma grande verdade. O verdadeiro desafio da avaliação de desempenho dos docentes universitários só agora vai começar.

\* Vice-Reitor da Universidade de Coimbra





# A paixão pelo livro

João Gouveia Monteiro \*

A Imprensa da Universidade de Coimbra (IUC) está a desenvolver em 2010 alguns projectos. São sobretudo três e têm em comum uma grande paixão pelo livro e pela actividade editorial (que hoje em dia se materializa também, e cada vez mais, em linguagem digital).

O primeiro, já encetado, é uma exposição itinerante sobre a história da IUC. Foi produzida e inaugurada no Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV) no âmbito da XII Semana Cultural da Universidade de Coimbra (UC) e está agora a iniciar a sua deambulação. Para já pela rede de bibliotecas escolares e por muitas escolas do ensino básico e secundário da Região Centro. Mais tarde, circulará num percurso mais vasto, a nível nacional e, assim o desejamos, internacional (sobretudo entre instituições do vasto mundo de língua portuguesa). Com o título *Estórias Republicadas. Impressões que fazem História*, este projecto (que resulta de uma parceria feliz entre a IUC, o TAGV e a Secção de Comunicação do Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra [FLUC]) configura uma viagem pelos momentos mais marcantes da história da IUC, desde as suas origens até à actualidade. Aqui se evocam (através de 30 leves painéis de um metro quadrado, preparados para circular em duas “malas diplomáticas”) momentos como a reforma pombalina da UC, a resistência às Invasões Francesas (em cujo contexto surgiu a primeira publicação periódica de Coimbra: *Minerva Lusitana*), as lutas liberais, a Lei das Rolhas, a implantação da República (com o destaque próprio de uma mostra inaugurada 100 anos depois!), a extinção da IUC em 1934 (expressão do desagrado

de Salazar pela notável acção cultural e até social de Joaquim de Carvalho), a refundação da Imprensa 64 anos depois, e, por fim, o seu percurso mais recente e os seus projectos para o futuro. Entrevistas, depoimentos, muitas fotografias expressivas e um produto multimédia preparado para uma utilização interactiva da exposição pelo público que a ele tem ocorrido completam este projecto, que irá decerto prolongar-se pelo ano de 2011, dado o elevado número de interessados em acolher a mostra.

O segundo projecto é um colóquio sobre “Gestão Editorial”, em 15 e 16 de Abril, funcionando no belo salão do velho Instituto de Coimbra e na sede da Fundação Cultural da UC – o magnífico palácio Sacadura Botte. Trata-se aqui de um conjunto de três mesas-redondas sobre temas estruturantes para quem dedica a sua vida à produção e divulgação de livros (1: partilha de experiências editoriais de sucesso; 2: o Marketing enquanto ferramenta de apoio à Gestão; 3: publicações em formato digital: vantagens e desvantagens ao nível da Gestão), completadas por um curso intensivo organizado sob a forma de *workshops* dedicados a temáticas da área da edição, sob orientação de Paulo Ferreira (consultor editorial dos *Booktailors*). Este projecto reúne a colaboração da IUC, do Mestrado em Estudos Editoriais da Universidade de Aveiro e da Associação Portuguesa de Editoras do Ensino Superior. Inédito em Coimbra, pensamos que ele constitui um excelente exemplo do muito que se pode fazer pela valorização da área editorial numa universidade como a nossa.

O terceiro projecto intitula-se *10 Paixões em forma de Romance*. Consiste numa eleição dos dez melhores

romances de sempre escritos em língua portuguesa. Entre 15 de Janeiro e 31 de Março decorreu uma votação por internet aberta a todos os docentes, funcionários e estudantes da UC. Cada um pôde eleger até três romances originalmente escritos em língua portuguesa, podendo ser consideradas todas as obras produzidas ao longo dos séculos no âmbito da cultura portuguesa, brasileira ou africana de expressão portuguesa. Estamos actualmente a apurar quais os 30 livros mais votados. A seguir, convidaremos uma dezena de escritores de língua portuguesa, a quem competirá reduzir essa lista para os “10 mais”. Serão esses os nossos “melhores dez romances de sempre da literatura de língua portuguesa”. Até ao Verão este processo estará concluído e, na reabertura das aulas, iniciar-se-á um programa de tertúlias, conferências e até uma exposição, inteiramente dedicados a comentar, justificar, completar, contestar e dar a conhecer melhor no seio da comunidade universitária e da própria cidade as obras envolvidas neste concurso. Nada disto seria possível sem uma nova parceria, desta feita entre a IUC, a Biblioteca Geral da UC e o Centro de Literatura Portuguesa da FLUC. Está ainda em aberto a possibilidade de edição de um livro alusivo a esta iniciativa.

Exposição itinerante, colóquio, *workshops*, concurso, tertúlias, exposição... Tantos caminhos para valorizar o livro e o mundo editorial. Tanta paixão para partilhar e interpelar a univerversidade. Tanta alegria pela possibilidade de o fazer em permanente partilha de esforços com diversas instituições universitárias e municipais. A IUC (que em 2010 - 2011 abrirá duas novas livrarias em colaboração com a Coimbra Editora: uma no Pólo II e outra no Pólo das Ciências da Saúde e que acaba também de concretizar a 1.<sup>a</sup> edição do Prémio Joaquim de Carvalho, atribuído à obra *Estados Novos. Estado Novo*, de Luís Reis Torgal) orgulha-se de continuar a ser fiel aos melhores propósitos de serviço cultural e educativo que estiveram na origem da sua refundação, há uma dúzia de anos atrás. Somos hoje uma das unidades de extensão cultural e apoio à formação da UC, queremos cumprir

– mau-grado as limitações de recursos humanos e financeiros – adequadamente o nosso papel e trazer um pouco de alegria e de paixão pelo livro (qualquer que seja o seu formato: clássico ou digital!) à UC. Agradecemos, “ex toto corde”, toda a colaboração e incentivo que nos têm sido dados ao longo desta maravilhosa viagem.

\* Director da Imprensa da Universidade de Coimbra



# A Imprensa Canalha

João Miguel Lameiras \*

Num tempo em que muitos se rendem à impressão digital, ou trocam a edição em papel pelo suporte virtual da Internet, ou dos *e-books*, ainda há quem cultive o livro como objecto artesanal, recuperando velhas técnicas de impressão, da gravura à serigrafia.

É o que acontece com a Imprensa Canalha<sup>1</sup>, uma pequena editora independente de Lisboa, que trata cada edição como um objecto único, tanto em termos de concepção como de produção. Um projecto amador, cujas edições, sem distribuição no circuito comercial, só podem ser adquiridas mediante subscrição, em acontecimentos como as Feiras Laicas<sup>2</sup> ou em algumas livrarias especializadas.

O cérebro (e as mãos) por detrás da Imprensa Canalha, pertencem a um homem de Coimbra, José Feitor, que aí nasceu em 1972 e se licenciou na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Mas foi já na cidade de Lisboa que surgiu, em 2001, o seu anterior projecto, o saudoso fanzine *Zundap*, publicação amadora cuja numeração aleatória (o número a aparecer na capa de cada edição era escolhido ao acaso) irritava sobremaneira os completistas. Com uma mancha gráfica limpa e um predomínio do texto sobre a imagem, nos primeiros números essencialmente a cargo de Feitor, a *Zundap* terminou a sua corrida em 2005, com um nº 100, onde havia lugar para a música, de Hank Williams a Caetano Veloso, mas também para a Banda Desenhada, com uma entrevista a Marjane Satrapi, a autora de *Persepolis* e uma BD

de Artur Varela, nome esquecido para cuja divulgação a *Zundap* assumiu um papel importante.

Encostada a *Zundap* na garagem, chegaria a vez do projecto mais ambicioso da Imprensa Canalha que, nas palavras do seu fundador é “um projecto editorial independente que se propõe publicar material impresso de natureza gráfica. Partindo de uma lógica de produção e distribuição que se radica no mundo dos fanzines, a Imprensa Canalha propõe-se otimizar gradualmente as suas publicações sem perder de vista as suas premissas enquanto entidade alternativa de edição.”

A primeira edição da Imprensa Canalha, em 2006, foi o fanzine *Néscio*, uma “revista portuguesa de idáias” (sic), que tinha como propósito fazer um exercício gráfico de observação e comentário ao quotidiano do país, que se revela uma “fonte inesgotável de inspiração, tanto no que diz respeito aos conteúdos como às imagens”. Impresso a laser a preto e branco, com capa de cartolina, *Néscio* não se afasta em termos de produção do que é habitual nos fanzines, incluindo o *Zundap*, não deixando de revelar um toque de apuro e um cuidado extra que se tornarão imagem de marca da Imprensa Canalha, neste caso dado pelo CD *Amálgama Sonora Nacional, (Portugal, de Hermínia Silva aos Ocaso Épico)*, uma colagem sonora feita por Filipe Leote, que acompanha a edição.

A gradual optimização das produções da Imprensa Canalha é bem visível em *Babinski*, o quarto título lançado, numa cuidada edição, em que a alta gramagem do papel e o formato pouco habitual



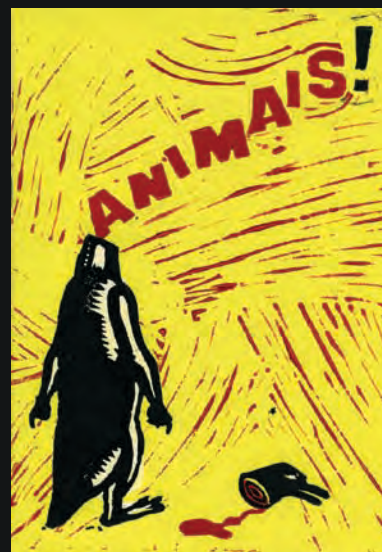
do livro, no chamado “formato italiano”, sobre o deitado, valorizam as notáveis ilustrações de Luís Henriques, autor que venceu em 2007 e 2009 o prémio para Melhor Desenhador Português, no Festival de Banda Desenhada da Amadora. Um belíssimo livro, que se revelou também um sucesso comercial, com a tiragem de 500 exemplares praticamente esgotada.

Alternando formatos e autores, com José Feitor a assegurar pela sua parte três títulos, *Mundo dos Insectos*, *Animais!* e *Raças Humanas*, que constituem uma trilogia que traça “uma dissertação gráfica à volta da natureza humana, na sua interacção com os outros animais e consigo própria”, a Imprensa Canalha já tem 13 edições publicadas em três anos.

O mais ambicioso dos títulos lançados, até agora, é *Derby*, uma edição em grande formato, toda impressa em serigrafia, por método directo (com as imagens a serem desenhadas directamente em quadros de serigrafia) que reúne dez ilustradores, cinco de Lisboa (André Lemos, João Maio Pinto, Filipe Abranches, Júcifer e Luís Henriques) e cinco do Porto (Marco Mendes, Miguel Carneiro, Nuno de Sousa, Carlos Pinheiro e José Cardoso),

num duelo gráfico Norte/Sul, tal como os duelos futebolísticos para que o título remete (embora clinicamente, pois um derby é um duelo entre duas equipas da mesma cidade, ou da mesma região). Revelando a aposta em diferentes materiais e formatos, *Portugal 1973* e *Flims* são dois DVDs que recolhem pequenos filmes de Artur Varela, criador multimédia que volta a ser editado por Feitor, depois do fanzine *Zundap*, enquanto que *Cabeça de Ferro*, uma antologia sobre a Revolução Industrial, que além do próprio Feitor, conta com a colaboração de ilustradores como Filipe Abranches, Luís Henriques, João Maio Pinto e Richard Câmara, está encadernada com parafusos e tem como banda sonora o CD *Amálgama Sonora Industrial*, uma colagem sonora de Filipe Leote.

E o catálogo da Imprensa Canalha vai alargar-se ainda mais, com a criação de uma colecção dedicada à literatura infantil, onde escritores e ilustradores convidados, se associam para criar um livrinho de formato quadrado (12x12 cm) para crianças, impresso em serigrafia a duas cores. O primeiro volume, *Este cão parece dizer mau mau mau*, com texto de valter hugo mãe e ilustrações de Rosa Baptista, marca a estreia da colecção Miga-



Iha. De salientar, ainda, outras edições agendadas para este ano: *O Mundo Selvagem* de João Fazenda e *Homem Homem* de Carlos Pinheiro e Nuno Sousa, além dos dois primeiros tomos da colecção *A Morte Ruidosa: Uma história ilustrada da Guerra* [10 volumes] – *A guerra antes da guerra*, com texto de Luís Luís e ilustrações de José Feitor, e *A 1ª Guerra Mundial*, com texto e ilustrações de Filipe Abranches.

Mas os projectos de José Feitor nesta área não se ficam pela Imprensa Canalha. Acabada de criar está a *Oficina do Cego* (<http://oficinadocego.blogspot.com>), uma associação cultural sem fins lucrativos, fundada em 2009, que tem como objectivo “a promoção das artes gráficas, através da prática e da divulgação de diferentes técnicas de impressão, da formação no âmbito das técnicas e da sua história, da edição de autor em pequenas tiragens”.

Esta associação que se perspectiva como “laboratório para a produção de livros de artista e objectos impressos afins, em todas as suas vertentes, integrando todas as suas fases de prossecução”, conforme pode ler-se no seu manifesto/nota de apresentação, agrupa, além de uma série de ilustradores que já têm colaborado com a editora, como João

Maio Pinto e Luís Henriques, e de António Miguel Coelho, responsável pelo Atelier de Serigrafia Mike Goes West, os “teóricos” Pedro Vieira de Moura e Sara Figueiredo Costa.

Resta esperar para ver o que este colectivo vai fazer em termos da exploração das inúmeras possibilidades da impressão artística, mas tendo em conta os nomes envolvidos e o excelente trabalho feito até agora pela Imprensa Canalha, não restam grandes dúvidas que o objectivo da Associação de “contribuir para uma qualidade acrescida na paisagem da edição de autor em Portugal”, será plenamente cumprido.

\* Crítico de Banda Desenhada/Mestre em História de Arte Moderna pela Universidade de Coimbra

1) Informações em: <http://www.imprensacanalha.blogspot.com>

2) Iniciativa informal de criadores e produtores culturais, em que além da Imprensa Canalha participa a distribuidora Chili com Carne e o Atelier de Serigrafia Mike Goes West. A feira Laica assume-se como um “espaço de comércio cultural justo” e, embora realizando-se essencialmente em Lisboa, desde a sua criação em finais de 2004, já passou por Oeiras, Porto, Braga ou Coimbra. Informações em: <http://www.feiralaica.com>



# Associação Existências

Paulo Anjos \*

Criada em 2004, a Existências é uma associação de solidariedade social, sem fins lucrativos, sediada em Coimbra, que tem como principais objectivos a intervenção social e a promoção e protecção da saúde, nomeadamente através do desenvolvimento da integração sócio-comunitária e da prestação de cuidados preventivos, curativos e reabilitativos. Desta forma, a Existências propõe-se a criar soluções para problemáticas associadas a situações de carência pessoal, social e a comportamentos de risco que ponham em causa a saúde e a integração social dos indivíduos na sociedade, procurando fornecer um conjunto de instrumentos que provoquem alterações de facto na realidade.

Aquando da sua criação, embora Coimbra seja uma cidade com um conjunto assinalável de estruturas de apoio social e de saúde, foi vontade dos seus fundadores dar resposta a um conjunto de necessidades específicas de determinados grupos alvo, que não tinham, no entendimento dos mesmos, as respostas adequadas, ao mesmo tempo que pretendiam fomentar a participação activa de todos os associados e técnicos na vida da Associação, estimulando a liberdade de criação de novas formas de intervenção. Da mesma forma, pretendia-se promover uma efectiva relação de proximidade com estruturas e políticas de saúde e sociais, numa perspectiva de articulação de proximidade, valorizando a investigação, a transferência de conhecimento e a promoção da inovação.

Partindo destes pressupostos, e tendo em conta o conhecimento de terreno, a Existências começou,

ainda em 2004, a intervir junto de populações que se encontram expostas a comportamentos sexuais de risco, nomeadamente indivíduos de sexo feminino que desenvolvem práticas de prostituição em contexto de rua e homens que têm sexo com homens. Desta forma surgiu o projecto *Adão e Eva*, que a partir de 2005 recebeu aprovação e financiamento por parte da Coordenação Nacional para a Infecção VIH/Sida. Em 2006, reconhecendo a necessidade de intervenção em indivíduos que exercem práticas de prostituição em casas e clubes de convívio, deu-se início ao projecto *DOMUS*, que viria mais tarde, em 2007, a receber a aprovação e o financiamento pela mesma Coordenação.

Ambos os projectos têm como objectivo principal a prevenção do VIH/Sida e outras Infecções Sexualmente Transmissíveis junto das populações alvo. No entanto, cumprem um conjunto mais alargado de funções, nomeadamente na activação de redes de suporte secundárias e terciárias, garantido ainda o acesso a serviços como consultas de psicologia ou apoio jurídico.

Em 2007 deu-se início ao projecto *Nov'Ellos*, aprovado e financiado pelo Instituto da Droga e Toxicod dependência, no âmbito do seu Programa de Intervenção Focalizada. Este projecto tem como objectivo principal a redução dos riscos associados ao consumo de substâncias psicoactivas (lícitas e ilícitas) em contextos recreativos nocturnos. Neste particular, destaca-se a intervenção junto das festas académicas (Latada e Queima das Fitas), que nos últimos anos tem sido efectuada ao abrigo do projecto





*Antes que te Queimes*, articulado sobre o patrocínio do Governo Civil de Coimbra e envolvendo, entre outras, entidades como a Administração Regional de Saúde do Centro, a Escola Superior de Enfermagem e o Instituto da Droga e Toxicodpendência.

Mais recentemente, através de um projecto de formação profissional, desenvolve-se um eixo de actividade no âmbito da formação escolar, ao abrigo do Programa Operacional Potencial Humano (POPH), do Quadro de Referência Estratégica Nacional (QREN). Estas acções são dirigidas a públicos cuja formação se encontra desajustada às exigências do mercado de trabalho. Assim, tem-se procurado contribuir para uma sociedade mais justa e adequada, promovendo a aprendizagem ao longo da vida, uma cidadania participativa e responsável, bem como a inclusão social e profissional.

No âmbito das suas actividades, a Existências é parceira do projecto europeu *Democracy, Cities and Drugs*, uma plataforma de trabalho que envolve mais de 300 cidades europeias e organizações da sociedade civil, que pretende promover respostas locais e integradas ao fenómeno da droga. Este projecto pretende suportar a criação de sinergias locais, de forma a consolidar uma rede de partilha de conhecimentos. E tem, também, colaborado com TAMPEP, uma rede europeia que opera em 25 países europeus e que agrega instituições da sociedade civil e associações de trabalhadores sexuais, tendo como principal objectivo a prevenção do VIH/Sida e a promoção de saúde junto de trabalhadores sexuais migrantes.

No entanto, a actividade da Associação não se reduz ao desenvolvimento destes projectos. Assim sendo, a Existências tem colaborado com diversas instituições de ensino superior, essencialmente de Coimbra, através do desenvolvimento de estágios curriculares a alunos de Serviço Social, Psicologia, Ciências de Educação e Antropologia. Decorrendo do mesmo espírito, tem colaborado na elaboração de diversas dissertações de mestrado, essencialmente através da disponibilização de meios que permitam aos alunos

a realização dos seus trabalhos, ao mesmo tempo que tem realizado um conjunto de seminários e congressos em parceria com diversas instituições das quais se destacam o IREFREA Portugal e o Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Vocacional e Social da Universidade de Coimbra.

Considera-se, também, de enorme importância a articulação com diversas entidades, nomeadamente culturais. Desta forma, tem sido desenvolvido um conjunto de actividades, nas quais se destaca a colaboração com a Associação Cultural IC-Zero, através da realização de diversas acções em parceria, e com o fotógrafo Pedro Medeiros, que se traduziu na publicação do livro *Ausência: Paisagem Urbana e Social*. Para os próximos anos, a Associação Existências deu recentemente início a três projectos. O primeiro, *Etapas Positivas*, foi aprovado pela Coordenação Nacional para a Infecção VIH/Sida e visa o trabalho com indivíduos, que sendo trabalhadores sexuais ou homens que têm sexo com homens estão infectados pelo vírus VIH. O segundo, *En'Caminha*, aprovado pelo Alto Comissariado para a Saúde, tem como objectivo a prevenção do cancro do colo do útero junto de indivíduos de sexo feminino que se dedicam a práticas de prostituição em contexto de rua. O terceiro, *Vita-Salute*, aprovado pela Direcção-Geral de Saúde, irá efectuar a promoção da saúde alimentar, vida saudável e prevenção da obesidade nas comunidades de S. Martinho do Bispo e Santa Clara, freguesias do município de Coimbra.

Recentemente, a Associação entregou junto da Segurança Social o processo de passagem a Instituição Particular de Solidariedade Social, situação que se encontra em fase de avaliação. A ser aceite, esta alteração de reconhecimento jurídico, irá traduzir-se num ganho substancial de recursos, embora também de exigência, o que conduzirá a uma consolidação da Existências e das suas intervenções.

\* Presidente da Associação Existências

A propósito da prática desportiva nos jovens

# Justiça no desporto infanto-juvenil

António José Figueiredo \*

Permitam que inicie este breve texto com um pedido de desculpa aos leitores que foram induzidos em erro pelo título apresentado. Não pretendo referir-me aos meios legais que regem as competições, ou outros quaisquer eventos desportivos, mas sim fazer referência à adequada equiparação biológica que deve existir nos diferentes estratos mais jovens da prática desportiva. Com efeito, uma prática desportiva que respeite os princípios salvaguardados nos mais elementares cânones do treino desportivo prevê a passagem, sem compromettimentos, por fases de aprendizagem sucessivas até ao patamar da alta competição. Poderíamos introduzir na operacionalização deste percurso conceitos associados ao, hoje tão propagado, *Life Long Learning* mas vamos escusar-nos a essa discussão.

A organização do desporto infanto-juvenil está vinculada, na maioria dos casos, à idade cronológica. Apesar de algumas modalidades desportivas não recorrerem em exclusivo a esta “arquitectura”, utilizando, cumulativamente, para esse efeito categorias de peso, a idade cronológica (lapso de tempo entre o nascimento e o momento em que se pretende quantificá-la) assume o protagonismo central na divisão dos escalões de formação.

A grande variabilidade, dentro de uma mesma faixa etária, verificada no estado de crescimento e no desempenho funcional de crianças e jovens,

levou a que investigadores procurassem um outro critério de classificação que não a idade cronológica. Já no início do século XX os trabalhos de Crampton, Pryor e Rotch reconheciam a necessidade da definição de um critério de avaliação da maturação biológica. Desde então têm sido propostos um vasto conjunto de técnicas para a avaliação de indicadores de maturação sexual, esquelética, dentária e somática.

Apesar de todos os indicadores apresentados anteriormente, durante a infância e puberdade, a maturação biológica é usualmente avaliada através de indicadores sexuais, somáticos ou esqueléticos já que a maturação dentária parece seguir um padrão maturacional distinto relacionando-se estes indicadores de forma razoável. A escolha de um indicador para a observação e avaliação maturacional de um indivíduo assume uma grande importância em estudos que lidem com o processo de crescimento, pois uma classificação errada pode levar a interpretações adulteradas do estado de crescimento e maturação de uma criança ou de um jovem.

Uma técnica de avaliação da maturação biológica deve possuir características bem definidas, a saber: a) deve reflectir alterações ao nível de um sistema biológico; b) ser independente do crescimento (não avaliar o crescimento); c) ser aplicável desde o nascimento até à idade adulta; d) ocorrer em



todos os indivíduos atingindo todos eles o mesmo estado adulto; e) ocorrerem incrementos sucessivos durante o percurso maturacional.

Relativamente à influência exercida pela actividade física no crescimento e maturação podemos considerar que a escassa investigação de natureza longitudinal não tem revelado qualquer relação de causa-efeito, podendo a hereditariedade, um estatuto nutricional pobre e as desordens alimentares constituir-se como elementos capazes de se confundir com um possível efeito negativo do treino sobre o crescimento e a maturação. A Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra tem assumido a sua responsabilidade investigacional nesta área conduzindo um estudo, de natureza longitudinal, com jovens futebolistas onde se espera sejam dados contributos para o esclarecimento de algumas destas questões.

Observando-se a grande variabilidade maturacional dentro de um determinado grupo etário é possível apontar alguns defeitos à construção de escalões de formação por períodos de dois anos de idade. Com recurso a esta lógica de divisão pode acontecer que um jovem de 13,0 anos tenha de competir (com um companheiro por um lugar na equipa ou, opondo-se a um adversário em situação de jogo) com um outro de 14,9 anos de idade. Se a isto acrescentarmos um possível avanço maturacional do mais velho e um atraso do mais novo, a diferença entre eles pode ser equivalente a 5-6 anos.

Uma área alvo de estudo nas Ciências do Desporto é o *relative age effect* onde se analisa a data de nascimento dos efectivos agregados a uma determinada investigação. A tendência encontrada aponta, em todas as modalidades com excepção feita à ginástica, para uma maior percentagem de atletas com os seus aniversários nos primeiros três meses oficiais da modalidade.

Dentro do mesmo escalão etário, as diferenças encontradas entre os sujeitos não se limitam a con-

dicionar a selecção ou a competição sob o ponto de vista desportivo. O facto da maioria das modalidades serem consideradas de contacto e colisão, leva alguns investigadores a preocuparem-se com a possibilidade de ocorrência de lesões devido às diferenças verificadas nos escalões de formação.

A responsabilidade pela deficiente regulação destas discrepâncias é partilhada por aqueles que mais directamente lidam com o processo de treino dos jovens, pois é usual colocar demasiada ênfase na vitória. Os agentes que possuem maior poder de decisão são, naturalmente, os treinadores. No entanto é frequente presenciarmos comportamentos tipificados por parte destes mostrando que, numa escala de prioridades, o *output* se sobrepõe ao processo independentemente das idades, escalões de formação ou fases de desenvolvimento desportivo em que os jovens atletas se encontram, fazendo incidir as suas opções sempre sobre os seus melhores jogadores sendo estes, em fase pubertária, os mais pesados, mais altos, mais fortes e mais rápidos, em suma, os mais avançados maturacionalmente.

Esta tendência aparenta ser mais observável no futebol já que, mesmo ao nível de competições sem qualquer expressão mediática, os treinadores experimentam pressões para vencer o que leva a que sejam constantemente seleccionados os mais aptos no momento, excluindo dos processos competitivos aqueles que podem apresentar um potencial mais elevado mas cujos processos de desenvolvimento maturacional se encontram mais atrasados ou com uma menor cadência.

Assim, parece constituir-se como fundamental retirar dos treinadores essa carga imposta pelo meio desportivo e isso não passa, certamente, por introduzir a competição infanto-juvenil em sistemas que implicam a atribuição de um título, nacional ou distrital, ou a fuga a lugares que levem à despromoção para níveis competitivos inferiores.

\* Professor da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra

# Secção Filatélica da AAC

*All science is either physics or stamp collecting*  
Ernest Rutherford (1871-1937)

A Secção Filatélica da Associação Académica de Coimbra (SFAAC) é uma das secções culturais mais antigas da AAC. Fundada a 23 de Fevereiro de 1965, por um grupo de estudantes universitários filatelistas, isto é, colecionadores de selos e todas as suas afinidades – provas, carimbos, flâmulas, postais máximos, franquias mecânicas, entre outros –, teve como primeiros directores Luís Francisco Augusto, Paulo Proença e Américo Borges. Inicialmente, a SFAAC acolheu também, o filumenismo [tipo de coleccionismo que concentra a sua atenção sobre os fósforos e os seus diversos tipos de embalagem, desde as caixas às carteiras].

Em 1965, a SFAAC organizou a *1ª Exposição Filatélica e Numismática da Queima das Fitas* e, em 1967, publicou o nº 1 do *Boletim Filatélico*. Neste ano teve lugar a *EFFEU – Exposição Filatélica e Filumenística de Estudantes Universitários*. O entusiasmo em torno do associativismo filatélico, por parte de estudantes e da própria cidade era grande. Por isso, não é de admirar que, em 1969, tenha organizado a *VII Exposição Filatélica Nacional — Æmipex 69*, exposição de grande dimensão. A imprensa especializada e periódica em geral deu enorme destaque ao evento que serviu, também, para consolidar a secção recém criada.

Entre 1965 e os dias de hoje, a SFAAC tem organizado diversas Exposições, Mostras e Salões Filatélicos, isoladamente ou em colaboração com diversas instituições filatélicas, científicas, culturais e universitárias. Ao todo, perto de seis dezenas, o que demonstra uma significativa actividade em prol da filatelia, da cultura

e da AAC, situação que pode ser comprovada pelos dados disponíveis em <http://filatelica.aac.uc.pt>. Os carimbos comemorativos emitidos pelos CTT, sob proposta da SFAAC têm levado o nome da cidade, da secção, da Academia e da Universidade a vários cantos do mundo.

Outra criação importante e original no panorama filatélico português foi a criação, em 1977, do Clube de Coleccionadores de Carimbos Comemorativos. Este clube funciona como um departamento dentro da Secção Filatélica e é o único na especialidade em Portugal, possuindo um enorme stock de carimbos comemorativos, inventariados, a que recorrem grande número de filatelistas. A SFAAC publicou alguns catálogos de carimbos comemorativos – 1977/1981, 1982/1998, 1999/2004 –, premiados em exposições filatélicas nacionais e internacionais.

Outro marco importante na vida deste organismo foi a criação, em 1982, da revista *Cábula Filatélica*, periódico que ainda hoje continua a ser publicado. Trata-se de uma revista divulgativa da filatelia e das actividades da secção, mas onde se publicam, igualmente, artigos originais sobre teoria e prática da filatelia, pela mão de alguns dos mais considerados filatelistas portugueses e estrangeiros, tendo já conquistado alguns prémios em exposições nacionais e internacionais.

Nos últimos anos, tem sido notória a articulação de trabalhos entre a SFAAC e instituições de investigação científica e de divulgação não-filatélicas. Assim, tem apostado na edição de obras literárias que, de



COIMBRA — Jardim Botânico  
Monumento a Brotero

uma forma ou outra, possam contribuir para um melhor entendimento e conhecimento da filatelia em geral. A edição do livro *A ideia de Europa nos selos portugueses* ou *As Cores da Matemática segundo Almada Negreiros, Arte e Política na Universidade de Coimbra* são exemplos de uma forte aposta na divulgação de novos conteúdos e novas abordagens na área da literatura filatélica. Outro exemplo, em fase de projecto, são as I Jornadas de História e Filatelia, em colaboração com o Centro de Estudos Interdisciplinares do Séc. XX da Universidade de Coimbra (CEIS20).

Actualmente, a SFAAC conta com mais de 1100 sócios de ficheiro, embora o número dos mais activos esteja perto dos 300. Contam-se entre os associados elementos de Portugal e do estrangeiro, estudantes do ensino secundário e universitário e antigos estudantes. Muitos deles participam regularmente em exposições de competição altamente prestigiadas, nacionais e internacionais, representando a SFAAC.

Os êxitos têm sido muitos e as conquistas de medalhas, do ouro ao bronze, têm sido significativas.

A SFAAC acolhe, igualmente, a vertente de lazer, a filatelia sem ser de competição, que é praticada pela maioria esmagadora dos seus sócios. A aquisição e permuta bibliográfica que realiza proporciona-lhes a existência de uma biblioteca especializada, portuguesa e estrangeira. As sessões de trocas inter-sócios e as tertúlias semanais são actividades a sublinhar, dada a sua relevância para a aprendizagem dos mais novos com os mais experientes. A abordagem de outras vertentes do coleccionismo é, também, procurada por muitos sócios. O coleccionismo filatélico e a cultura filatélica são estimulados, sendo de frisar o

interessante trabalho que nos últimos anos tem sido feito pelos dirigentes da SFAAC com as crianças das escolas. A secção tem apostado em sinergias na organização dos seus eventos, mostrando assim que está aberta à sociedade, ganhando com isso visibilidade, alcançando novos públicos, divulgando a filatelia e formando novos filatelistas. É fácil de compreender que todos aqueles que se envolvem neste passatempo, o encaram como se de uma paixão se tratasse. E só assim é possível que cada um entenda e dê valor ao verdadeiro significado da filatelia.

Mas, a filatelia não se resume a isto, já que uma das principais vantagens de coleccionar selos é o contacto e intercâmbio entre filatelistas e as consequentes amizades e valores de solidariedade que daí advêm.

A SFAAC encontra-se inscrita na Federação Portuguesa de Filatelia, sendo, por isso, um clube filatélico federado com obrigações, deveres e direitos para com a Federação, tendo assento nos seus órgãos sociais.

Com funcionamento de expediente semanal regular e com um site já premiado, a SFAAC conquistou na vida cultural da AAC e da cidade de Coimbra um lugar de prestígio irreversível.

Os actuais dirigentes estão convictos de que é honrosa a tarefa de continuar a levar bem longe, no país e além fronteiras, o nome da cultura portuguesa, da filatelia portuguesa e da filatelia conimbricense.

A Secção Filatélica está aberta a todos os interessados, podendo ser visitada no seu espaço do 2º piso do Edifício sede da AAC ou em <http://filatelica.aac.uc.pt>.

A Direcção da Secção Filatélica da AAC





# Ciência participativa na escola para a sociedade desde os mais pequenos

Anabela Marisa Azul \*

A necessidade de tornar acessível o conhecimento científico, com o objectivo de transmitir as suas virtudes aos mais novos, para que possam aceder a ferramentas que lhes permitam desenvolver mecanismos e tornar-se cidadãos conscientes para com o planeta em que habitam, é hoje inquestionável.

Uma vez encarado o desafio da literacia científica, no sentido de uma consciencialização crítica, muito dificilmente conseguimos libertar-nos dela. São muitos os conceitos, as plataformas e os formatos utilizados para promover o conhecimento e a cultura científica. Enquanto cientista, parte integrante de um grupo, que comunica ciência e reitera literacia científica com o intuito de desenvolver atitudes críticas e competências participativas em sociedade, depressa se torna intrínseco o compromisso de comunicar, roçando esferas de saberes assentes numa matriz interdisciplinar, transdisciplinar e integrada.

As primeiras experimentações dirigidas a professores de Biologia e Geologia do 3º Ciclo do Ensino Básico, Tecnológico e Secundário, inseridos em cursos no âmbito do Conselho Científico-Pedagógico da Formação Contínua (CCPFC), foram dedicadas à identificação e inventariação

de cogumelos. Com o objectivo de, com os alunos, explorar aspectos da Biologia e da Ecologia dos fungos, *in situ*, nomeadamente a sua aplicação em biotecnologia, o seu papel no equilíbrio dos ecossistemas e a sua importância como indicadores biológicos, na avaliação de impactes do uso do solo e como informação de suporte em tomadas de decisão tendo em vista a sustentabilidade, quer em domínios de conservação biológica, quer do ponto de vista económico e social. Nessa altura, os programas contemplavam a disciplina de Técnicas Laboratoriais, recorrendo os professores à formação contínua em Ciências Biológicas/Ecologia, com duas intenções principais: adquirir competências em práticas e laboratório, além de conteúdos técnicos e científicos, junto de especialistas. Algumas das reflexões mais evocadas posicionavam-se em estratégias para motivar os alunos a pesquisar seguindo uma aprendizagem construtiva, com vista ao desenvolvimento de atitudes críticas e competências de acção participativa enquanto ser social. Outras, incorriam na contextualização e articulação entre conteúdos teóricos, actividades práticas e na segurança individual e colectiva. Saliente-se a mobilização de muitos professores na validação de métodos e



estratégias de aprendizagem construtiva e participativa em Ecologia do Solo.

Experimentações mais recentes, com crianças do pré-escolar, 1º ciclo, até ao secundário, estendendo-se à formação contínua (CCPFC), permitiram obter conclusões que conduziram à reflexão sobre plataformas e formatos de comunicação, rigor da informação e actividade educativa do professor, em particular situações de componente não lectiva.

É maior o desafio do ensino experimental das ciências. Salva-se o pré-escolar, entre privilégios de currículo oculto... O ensino experimental das ciências aparece num contexto de estratégia educativa integrada, em programas com formato essencialmente teórico, ou, em modo opcional,

em disciplinas transdisciplinares, como a *Área Projecto*. Não obstante, educadores de infância e professores dos diferentes níveis de ensino não se resignam e muitos procuram Universidades, Politécnicos, Centros Ciência Viva, Centros de Interpretação, entre outros, manifestando interesse e disponibilidade para colaborar em projectos inter e transdisciplinares e/ou com índole de participação social.

No mundo académico, regozijamo-nos com projectos e artigos que relatam exemplos de sucesso nesta caminhada conjunta da cultura científica, cujas aprendizagens construtivas e participativas contribuem para uma melhor compreensão e actuação no mundo em que vivemos. Aos alunos

chega informação sobre ciência, de forma plural, e de modo exponencial, em estreita comunhão com plataformas tecnológicas. Será isto suficiente para a literacia científica e consequente desenvolvimento de uma consciência crítica em sociedade?

Experimentando-nos em literacia científica rapidamente encaixamos a ciência noutras áreas do saber, reconhecendo-lhe um carácter dinâmico e evolutivo, o que potencia o compromisso para permanecermos atentos, activos e participativos.

Como investigadora em Ciências Biológicas, especialidade de Ecologia do Solo, inevitavelmente a literacia científica passa também pela educação para a sustentabilidade. Um exemplo clássico dessa vertente é a famosa frase *Uma árvore, um amigo!* Se sempre assim é, como explicar a meninos entre os 3 e os 10 anos, a jovens, a produtores florestais e, em geral, à sociedade que plantar extensas áreas de árvores da mesma espécie pode ter implicações: na diminuição da diversidade biológica, na maior susceptibilidade a incêndios, na propagação de doenças ou na sustentabilidade do solo? Plantas invasoras?! Percebido o conceito, os mais pequenos perguntam: “Um amigo pode ser mau?”. É diferente a mensagem subliminar se utilizarmos: *Sê amigo de uma árvore!*

Projectos desenvolvidos e suas conclusões:

- *Da Semente ao Fruto – À Descoberta do Mundo das Plantas* [POCI 2006: VI-225, III.1-255/226]: pré-escolar e 1º ciclo. Crianças exploraram diversidades, levantaram questões, aprenderam a formular hipóteses, experimentaram e manipularam variáveis, validaram resultados e tiraram conclusões, acerca do modo de vida das plantas e processos que ocorrem no mundo natural. O método experimental foi a estratégia utilizada para despertar a curiosidade. A este juntaram-se actividades de jardinagem, de expressão plástica e dramática. As crianças aderiram com entusiasmo.
- *Outros resultados e números* [2006-07] 120 crian-

ças dos 3 aos 5 anos, 40 crianças do 1º ciclo; 650 crianças em exposição interactiva para o pré-escolar no Museu Botânico [Museu de História Natural da Universidade de Coimbra]; livro (2000 exemplares) com registos das crianças, divulgado e distribuído em exposição e workshops; 2 comunicações em reuniões científicas. [2007-08/09] 4 cursos [CCPFC]. [9-II-2010] [www.uc.pt/semteaofruta](http://www.uc.pt/semteaofruta) : 23764 visualizações, 17182 visitantes.

- *Vamos cuidar da Terra: fazer pouco pode mudar muito* [POCI 2007: III.1-39/306]: 1º ciclo. Crianças experimentaram e compreenderam fenómenos que ocorrem na Terra, naturais e/ou causados pelo Homem, o que representam as alterações climáticas, quais os efeitos das acções comuns do dia-a-dia no aquecimento global, e em que medida cada um pode contribuir para a sustentabilidade da Terra. *Outros resultados* <http://vamoscuidardaterra.bot.uc.pt/>, livro com registos das crianças.

- *Cogumelos do Paul da Madriz* [POCI 2006: VI-121, 793; III.1-230/201]: Ensino Secundário.

Jovens realizaram saídas de campo e actividades laboratoriais e experimentais durante 2 anos, ao encontro da biodiversidade da área protegida do Paul da Madriz, em especial cogumelos. *Exterior aos objetivos* Alunos coordenaram exposição de fotografia na escola, professores dinamizaram exposição interactiva no município de Soure. *Outros resultados* <http://biotic.bot.uc.pt/>, livro de divulgação e primeiro registo científico sobre a diversidade de cogumelos no Paul da Madriz [inclui catálogo com 150 espécies].

- *Mycorrhiza in the Mediterranean Basin: safety teaching and training* [2008] “Journal of Biological Education 42(3)”: 54-61. Artigo científico pós-reflexões e validação de métodos e estratégias com e para professores.

\* Investigadora do Centro de Ecologia Funcional do Departamento de Ciências da Vida na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra

# Breves

## **Maria Helena da Rocha Pereira e Luís Reis Torgal premiados**

Ensaísta, investigadora e professora jubilada da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC), Maria Helena da Rocha Pereira foi distinguida no mês passado com o Prémio Vida Literária, atribuído pela Associação Portuguesa de Escritores. De acordo com o seu presidente, José Manuel Mendes, esta escolha enaltece a justiça de uma decisão que premeia um género, como o ensaio, raramente valorizado. “O ensaio não é do domínio do secundário e as pessoas que pensam e trabalham literatura devem ser consideradas por nós”, afirmou à Lusa. “Referência viva da cultura a que pertencemos”, nas palavras do júri, a académica consagrou a sua vida ao ensino e investigação da cultura clássica grega e latina, contando com um currículo impressionante, em que incluem centenas de obras publicadas, distinções atribuídas, além de inúmeros cargos de direcção que desempenhou no seio da UC.

Também professor catedrático jubilado da FLUC e investigador ligado ao CEIS20, Luís Reis Torgal venceu em Março a primeira edição do *Prémio Joaquim de Carvalho*, distinção atribuída pela Imprensa da Universidade de Coimbra (IUC), com a obra *Estados Novos, Estado Novo*. João Gouveia Monteiro, director da instituição e presidente do júri, referiu-se ao livro publicado como “obra de referência”. Salientou, igualmente, estar convencido que “não se fará história do Estado Novo sem passar por esta [...]” investigação de duas décadas, que evidencia as dimensões política e cultural do período em análise. Este prémio foi criado com o

intuito de promover a actividade editorial da IUC, assim como de homenagear a figura ímpar que dá nome ao galardão, antigo director da instituição.



## **Projecto *Seed* incentiva criatividade dos estudantes**

Aprofundar a aproximação entre o mundo empresarial e o académico, bem como estimular a inovação e o conhecimento, são os objectivos do projecto *Seed*. Sob o mote *Quem semeia conhecimento, colhe desenvolvimento*, a actividade desenvolvida pelo grupo empresarial JMV – José Maria Vieira S.A. (especializado em café e vinhos) compreende, assim, a dinamização de um concurso aberto a todos os estudantes universitários, onde possam

ser apresentados trabalhos baseados nas empresas e marcas do grupo.

Os trabalhos propostos até dia 15 de Julho serão alvo de avaliação nas áreas de “Rigor, profundidade e coerência dos outputs”, “Inovação”, “Sentido crítico, originalidade e criatividade do projecto”, “Potencial de aplicabilidade prática” e “Potencial de incremento de uma Sustentabilidade Social/Ambiental”, e os três melhores serão galardoados com prémios em numerário, que vão dos 500 aos 1000 euros.

Entre as várias disciplinas a que o concurso se abre contam-se Gestão, Marketing, Saúde, Psicologia ou Design e Multimédia. Contudo, os promotores do projecto ressalvam que todos os estudantes de todas as áreas de formação poderão desenvolver projectos para submeter a análise do júri. Em [www.jmv.pt/seed](http://www.jmv.pt/seed) podem encontrar-se todas as informações sobre o *Seed*.

O projecto, já na segunda edição, galardoou no ano passado estudantes do IPAM Aveiro, da Faculdade de Economia da Universidade do Porto e da Escola Profissional de Comércio Externo.

### **Via Latina: para lá das margens da página**

Existe, sem dúvida, qualquer coisa intrínseca à Via Latina que lhe permite ultrapassar-se e renovar a cada momento. Talvez seja essa irreverência estudantil que tanto se veicula, não o atrevimento bacoco que se propagandeia em cada discurso vazio que se pretende mais inflamado, mas antes a irreverência que percorre cada uma das linhas da publicação e que, sobretudo, se estende para

lá das margens das páginas. A irreverência que se materializa na resistência que a publicação foi capaz de encetar ao longo de todo o processo histórico que a acompanha. E, especialmente, a irreverência obstinada que não a deixa morrer, que a cada intervalo de publicação faz dela isso mesmo, um intervalo. Que a cada período que encerra uma série encontra o impulso inevitável para recrudescer, na forma de um jornal, de um folhetim ou de uma revista.

É, de resto, essa natureza criativa de achar formas de transpor as barreiras que se lhe vão levantando que lhe conferem essa essência progressiva. Que foi capaz de gerar esta última sexta série que culmina, por enquanto, no número lançado no dia 1 de Março. E que, ante o entrave da periodicidade anual e da crescente falta de apoios, encontrou na internet o próximo degrau, a forma de se rejuvenescer.

Nunca abandonando o ideal da revista física anual, toda a sua intenção, a sua tinta, se traslada para o novo sítio ([www.revistavialatina.com](http://www.revistavialatina.com)), onde se pretende congrega o que do teatro, da dança, da arte ou da ciência, nas suas múltiplas disciplinas, se faz em Coimbra. Mais do que um simples agendamento elementar, este novo espaço possui a ambição de acompanhar a cultura e a ciência da cidade, através de reportagens, crónicas ou entrevistas. Um espaço que, não desligado do carácter idealista da própria revista, privilegia a opinião e a crítica de música, de literatura ou de espectáculo.

Passos que extravasam as margens do papel, para um espaço que afinal também é seu.

Jôao Miranda, Director da Via Latina

# República: Lições de um Centenário

Ernesto Rodrigues \*

A República anda no ar, porque vive uma nova crise e celebra 100 anos. A agenda de secretária da Assembleia da República, muito bem impressa, em capa dura ilustrada, traz os melhores postais propagandísticos do tempo: Manuel de Arriaga encima bandeira esvoaçante sobrepondo-se a hino ainda não oficialmente aprovado; formas generosas da marvótica República, nua, vão a par de moça vestida à minhota; heróis da Rotunda fazem pose e disparos, remetendo-se o Governo Provisório para canto humilde da contracapa. Outra iconografia euforiza o momento. Os deputados têm muito para memorar – sem esquecer, entre duas glorificações, desnortes pontuais, que, agravando-se, deram 45 governos até 1926. Embora seja ideia anterior à formação do Partido Republicano Português (1876), o propósito de um novo regime foi olhado com displicência pela Monarquia. A eleição dos primeiros deputados republicanos era um acontecimento. Já os *meetings* não tinham pequeno concurso de insatisfeitos, noticiados por quem acedia facilmente aos jornais. Mais do que no Parlamento ou entre o operariado e os serviços (os caixeiros, donde sairá o regicida Costa, e o Registo Civil tornam-se forças poderosas), é nas tribunas da escrita que se organiza o combate. Alguns momentos fortes ajudaram – caso das celebrações camonianas, pombalinas e gâmicas –, sendo de realçar o sobressalto do *Ultimatum*. Na sequência do ensaio falhado de 31 de Janeiro de 1891, no Porto, o parisino Eça denuncia, em carta

de 10-08-1891 ao amigo Bernardo Pindela, conde de Arnosó, secretário de D. Carlos, a situação que se lhe deparara na pátria:

“Navarro pareceu-me tão pessimista como o ultra-pessimista Joaquim Pedro [Oliveira Martins]. Em compensação, os Republicanos tão triunfantes – que começam a estar inquietos! Com efeito, eles consideram a Revolução iminente – não um movimento de sargentos, facilmente sufocável, mas um levantamento completo das massas do povo, e da pequena burguesia, contra a qual não poderá haver resistência. É pois uma verdadeira revolução civil com que eles contam. Mas isto mesmo inquieta a gente prudente e séria do partido – que se sente *débordée* por esta massa revolucionária que já não pode ser contida, que já não pode ser disciplinada, e que no dia do triunfo virá ajuntar à anarquia económica e política, em que o país já está, a anarquia da sua incompetência e do seu furor. Há hoje com efeito, dentro do partido republicano – uma Direita Conservadora (Magalhães Lima, Rodrigues de Freitas, etc.) e uma Esquerda Radical. É esta Esquerda Radical, composta da grande massa, e tendo ramificações no exército, e mesmo entre a gente de dinheiro, que quer a revolução, *coûte que coûte*, sejam quais forem as consequências, sem se deter com considerações de política externa, sem quase se importar que Portugal acabe, verdadeiramente alucinada pelo desejo feroz de arrasar o Parlamentarismo, e o Mundo

parlamentar, a quem ela atribui os nossos males. Além disso, ao que parece, esta Esquerda Radical vem cheia de ideias de represálias, de castigos, de sangue – e já vê, portanto, como ela inquieta os Conservadores do *Século*, e o académico Latino Coelho, e o doce e honesto economista Rodrigues de Freitas. De facto, o Magalhães Lima dizia há pouco: «Criaram em Portugal uma opinião que se transformou em torrente desesperada, e que não podemos conter». Vê tu que perspectiva amável. A revolução, pois, parece-me inevitável – ainda mesmo que o Governo conseguisse desmanchar a actual organização republicana, desterrar os chefes, etc. O triunfo da revolução também me parece certo – pois o exército não está fiel, e a Marinha é *toda ou quase toda republicana*: e, além disso, contra um povo todo, que hão-de fazer algumas companhias de municipais? E com o triunfo da revolução – eu creio que Portugal acabou. Só o escrever isto faz vir as lágrimas aos olhos – mas para mim é quase certo que a desapareição do Reino de Portugal há-de ser a grande tragédia do fim do século. A Espanha *não pode deixar* de intervir. [...] Nos revolucionários não há, como dizem, animosidade contra El-Rei. Não há nenhuma, ao que parece, e todos, ou quase todos, lamentam a sua situação. Ele, com efeito, é de todo inocente, e sofre dos erros acumulados que lhe vieram por herança. Mas, infelizmente, o Monarca está solidário com os Políticos: não quer ou não pode desembaraçar-se deles (na realidade, não pode); portanto, a onda que se levantar para derrubar a *Política* tem de derrubar a Monarquia a que eles estão colados.”

Há premonições que um D. Carlos caçador não considerou. Entre o descaso de uma intervenção espanhola e não haver “animosidade contra El-Rei”, tem acertos notáveis (com a pequena ironia de a Rotunda ter sido feita por nove sargentos...), e uma presciência que faltou a quantos, no dealbar do século, pouco valor atribuíam ao Par-

tido republicano Português (PRP), só por acaso ressalvando Basílio Teles, Sampaio Bruno e João Chagas. Era mais natural, após presidir a algum comício republicano e reflectir sobre o Centro Republicano Democrático, defender a ditadura ilustrada de João Franco (ainda em 1914), caso de Ramalho Ortigão.

Ora, Franco é uma espécie de terceira via entre regeneradores e progressistas, que acirra estes e a dissidência de José Maria de Alpoim contra a própria corte. O PRP aproveita, enquanto integra desiludidos, como Bernardino Machado. Os escândalos sucedem-se. Aumenta a repressão. Estalam greves, confrontos, agita-se a Arcada, inflamada por São Bento, e o Café Gelo conspira. Se o ditador não cai, cairão rei e príncipe. Em 28 de Janeiro de 1908, quatro dias antes do regicídio, esboçara-se uma das várias revoltas logo sufocadas. Os interesses e movimentos revolucionários divergiam; e só quando o congresso republicano de Setúbal (23-04-1909) se decide pela luta armada é que se faz alguma luz no caminho a trilhar. A “revolução na continuidade” defendida por Bernardino é derrotada por médicos e advogados que atraem o aristocrata da cultura José Relvas; e, simultaneamente, abrem-se feridas na fulanização da política, que ajudará à ruína da “ética republicana”. Basta ler o que Relvas escreve de Bernardino, Teófilo ou Afonso Costa e ficamos logo industriados; o que Junqueiro diz de Teófilo ou Fialho de Almeida de Brito Camacho; o que Câmara Reys afirma de António José de Almeida (tão importante para a Universidade) e outros membros do Governo Provisório... Ninguém se espantará que um tão frágil organismo ceda à demagogia, à partidarite, à inflação e à galopante dívida da República.

O 5 de Outubro provou a fraqueza da Monarquia que poucos defendiam – do Conselho de Ministros às forças embeteadas no Rossio, com a honrosa excepção de Paiva Couceiro. Mau grado desaires em cima da hora – assassínio de Miguel

Bombarda, suicídio de Cândido dos Reis, chefes civil e militar –, a vontade de Machado Santos e dos seus nove sargentos, de José Carlos da Maia e seus marinheiros, educados nas *Cartas Políticas* de João Chagas, fez a diferença. Não esquecer a acção política do Directório, no estrangeiro e dentro de portas, e o largo influxo da Maçonaria e da Carbonária. Não houve mais de 80 mortos, parte deles civis, importantes na refrega. Os estragos foram mínimos. Começava um breve idílio, cedo fanado.

O mais chocante nessa política de ajuste de contas,

que a República não resolveu, seria a Noite Sangrenta de 19 para 20 de Outubro de 1921, quando são assassinadas cinco personalidades, entre elas, o até há poucas horas primeiro-ministro António Granjo, Carlos da Maia e Machado Santos. Com a morte destes, era um 5 de Outubro voluntarioso e desinteressado que perecia; económica e politicamente, morrera há muito, embora a certidão de óbito só chegasse em 28 de Maio de 1926...

\*Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/  
Autor de *O 5 de Outubro. Uma Reconstituição* (2010)





A UC no início do grande colisionador hadrónico

# Um enorme esforço científico global

João Carvalho \*

Em Novembro de 2009, o grande colisionador hadrónico (LHC) voltou a funcionar no laboratório europeu de física de partículas (CERN), junto a Genebra, na fronteira entre a França e a Suíça. Após cerca de 20 anos de desenho e construção, nos primeiros testes, realizados em Setembro de 2008, o acelerador de partículas sofreu uma avaria grave e esteve parado mais de um ano para reparações e melhoramentos. Agora, a máquina com 27 km de perímetro – a maior jamais construída pela humanidade –, teve um reinício muito promissor, tendo nos primeiros dias de funcionamento batido o recorde de energia em laboratório, em colisões de prótons, que atingiram o valor de 2,36 TeV (Tera electrões-Volt).

A 20 de Novembro de 2009 era enorme a expectativa e tensão nas salas de controlo do LHC e das experiências instaladas em cavernas ao longo do percurso do feixe. Enquanto os especialistas faziam os ajustes finais nos parâmetros da máquina, os olhos não largavam os ecrãs onde eram mostradas informações acerca do estado e posição do feixe. Ao longo de cerca de duas horas, a distância por si percorrida dentro do túnel foi progressivamente aumentando, um oitavo do seu perímetro de cada vez, até que finalmente completou uma volta, acompanhada de uma explosão de alegria geral. Seguiram-se as primeiras colisões com os colimadores do feixe, produzindo enor-

mes quantidades de partículas, registadas pelos diferentes detectores, provando deste modo que estes também estavam a funcionar e preparados para registar os acontecimentos produzidos.

O LHC representa um enorme esforço científico global. Dada a sua dimensão, complexidade e custo é um empreendimento que não está ao alcance de um único país; os recursos têm de ser reunidos numa colaboração que envolve países de todos os continentes, desde Marrocos ao Canadá, do Brasil à Coreia do Sul, passando pela generalidade dos países europeus. Portugal, como estado membro do CERN (desde 1986), integrou o projecto desde o seu início, participando no desenho, construção e operação de dois dos detectores instalados (ATLAS e CMS), em estudos de simulação de física de partículas, e no fornecimento, por parte da indústria portuguesa, de componentes e serviços para a construção da máquina.

Para conseguir alcançar a enorme energia de colisão necessária para revelar e estudar nova física, é necessário curvar os feixes de prótons para que percorram a trajectória circular sempre dentro do tubo de vazio no interior do túnel, escavado a cerca de 100m de profundidade. Esta curvatura é apenas possível usando campos magnéticos muito intensos, de 8,33 T (cerca de 200 mil vezes mais intensos que o campo magnético terrestre), que precisam de correntes eléctricas muito elevadas

para serem produzidos. Para minimizar as perdas devido à resistência eléctrica, o LHC é a maior instalação supercondutora do mundo (a supercondutividade, ou condução de corrente eléctrica sem resistência, é uma propriedade de alguns materiais atingida apenas abaixo de uma certa temperatura crítica). Para arrefecer o material supercondutor, uma liga de nióbio-titânio, é usado Hélio no estado líquido, a 271 graus abaixo de zero, mais frio que o espaço exterior. Os enormes depósitos especiais usados para armazenar o Hélio foram especialmente desenvolvidos e produzidos pela indústria portuguesa.

E o que se pretende estudar com todo este esforço, envolvendo mais de 6000 físicos e engenheiros de todo o mundo? Muitas das questões fundamentais da física de partículas, e logo do nosso conhecimento da constituição mais elementar da matéria e do início e evolução do Universo, estão ainda por esclarecer. Exemplo disto é a constituição da matéria negra, que apesar de corresponder a cerca de 25% da massa do Universo não existe ainda a mínima pista acerca da sua origem (bem como da chamada energia negra, que constitui cerca de 70% do Universo). Ou porque é que as partículas elementares têm massa, e qual a razão de serem massas diferentes (aqui pode entrar em acção o chamado bóson de Higgs, também ainda não descoberto). Ou porque é que o Universo é essencialmente constituído por matéria e não também por antimatéria. Ou se será possível criar micro buracos negros em laboratório (são buracos negros que se evaporam rapidamente, não aqueles que consomem galáxias inteiras, que não são possíveis de criar em laboratório).

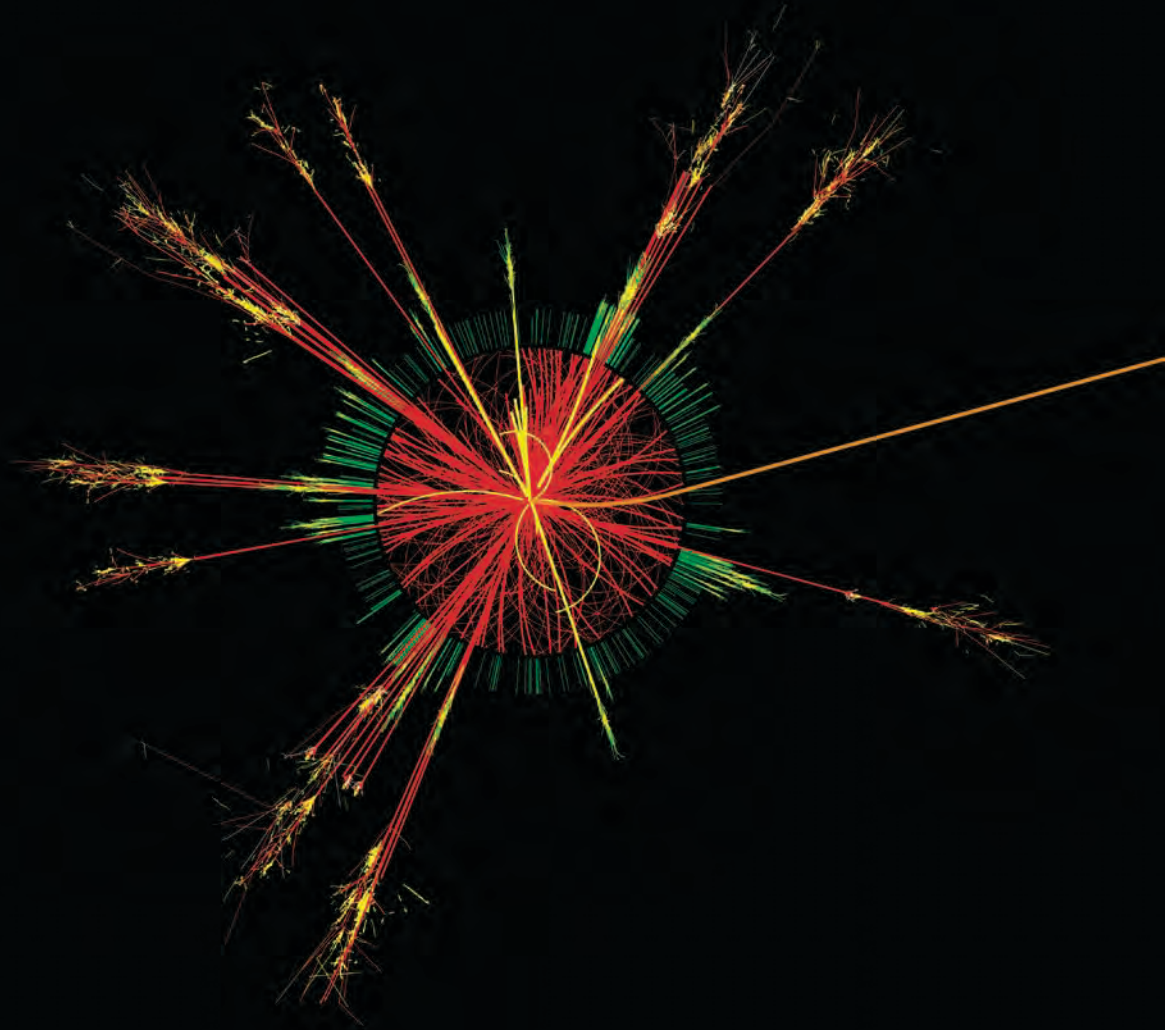
E muitas outras questões igualmente importantes e fascinantes. No LHC a energia da colisão de prótons transforma-se na massa de conhecidas ou desconhecidas partículas, seguindo a relação de Einstein. O trabalho dos físicos, após o registo desses acontecimentos no centro dos detectores, é analisar os dados, interpretá-los à luz do conhe-

cimento actual e testar novas teorias, quando as antigas não descrevem o que é observado.

Todos os anos cada experiência do LHC regista milhares de Terabytes de dados. Para o seu armazenamento, reconstrução e análise são necessários cerca de 100 mil dos processadores actuais. Como não é financeira nem politicamente possível instalar toda essa capacidade computacional num único centro, recorreu-se ao conceito de computação distribuída, designado por Grid de computação, em que muitos centros, grandes e pequenos, partilham a tarefa de reconstrução e partilha dos dados, ficando estes acessíveis a todos os investigadores envolvidos nas experiências. Em Portugal existe um centro de cálculo de Grid dedicado aos dados do LHC, numa federação que abarca três centros, dois em Lisboa e um em Coimbra. Tal como o conceito de World Wide Web (www), desenvolvido no CERN nos anos 1980, permitiu a partilha de informação a nível global, expandindo enormemente o alcance da sociedade da informação e facilitando o acesso ao conhecimento, também o conceito de Grid de computação permite o acesso a meios de cálculo poderosos a qualquer investigador localizado em qualquer parte do mundo.

A tecnologia de ponta desenvolvida e utilizada no LHC, seja em computação, materiais, detectores, sensores ou software, entrará, mais tarde ou mais cedo, nas nossas vidas.

O Laboratório de Instrumentação e Física Experimental de Partículas (LIP), Laboratório Associado, esteve desde o início envolvido em duas das grandes experiências do LHC: ATLAS e CMS. A Delegação de Coimbra do LIP, instalada no Departamento de Física, está envolvida na colaboração ATLAS, tendo desenvolvido, produzido e instalado componentes para o detector, para além de importantes estudos no âmbito da simulação e análise de dados, bem como a realização de um reconhecido trabalho no estudo das propriedades do quark top, a mais pesada das partículas elementares conhecidas. O detector ATLAS, um



cilindro com 44m de altura e 25m de diâmetro, é o maior e o mais complexo detector de partículas jamais construído.

Após uma curta paragem de Inverno, o LHC irá iniciar agora a sua operação regular e, previsivelmente, bater novos recordes de energia e de taxas de colisão, e produzir dados que poderão revolucionar não só a Física como também a nossa imagem da Natureza e do Universo. A Universidade de Coimbra irá continuar presente na experiência ATLAS, com uma equipa jovem e motivada para este desafio global, onde o infinitamente pequeno e o infinitamente grande se encontram.

\* Laboratório de Instrumentação e Física Experimental de Partículas • Departamento de Física da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra

# Intervenção científico-tecnológica

Maria José Azevedo Santos \* • António Manuel Rocha Gonsalves \*\* • Catarina Isabel Santos \*\*\*

O Arquivo da Universidade de Coimbra (AUC) possui uma vasta colecção de pergaminhos, cerca de três milhares, dos séculos XII a XVIII, provenientes de diferentes colecções e de múltiplos centros de produção: chancelarias régias, pontifícias, eclesiásticas, monásticas e outras. Este núcleo valioso inclui perto de uma centena e meia de documentos com selos de chumbo pendentes, os quais necessitam de intervenção. Apesar do valor da preservação destes sinais de validação, existem poucos estudos, em Portugal e mesmo noutros países, sobre métodos a aplicar na sua estabilização. Deste modo, atendendo a esta carência, por proposta do AUC estabeleceu-se uma parceria com o Departamento de Química da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (FCTUC), para definir um plano de intervenção. Surgiu, então, um projecto de restauro daquele acervo sigilográfico que, sob a chancela da Universidade, teve início em 2005. Actualmente este projecto é financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, tendo sido classificado por um júri internacional de “Excelente”.

Os selos de chumbo em análise apresentam estados de conservação variados. No entanto, ao contrário do que numa observação ligeira se poderia pensar, o estado de preservação não está directamente relacionado nem com a idade do selo nem com a sua proveniência. Na verdade, seria de esperar que o “chumbo” (liga de chumbo) fosse relativamente

reactivo, atendendo ao potencial electroquímico, mas verifica-se que a velocidade de corrosão é muito influenciada pelo meio ambiente. A resistência do metal é devida à natureza dos produtos formados à superfície, por interacção com o ambiente. Se a camada superficial é aderente, compacta e insolúvel, ela própria protege a superfície de ataque profundo. A própria estabilidade dos produtos de corrosão é um factor determinante. A corrosão local do chumbo é acelerada por valores elevados de humidade relativa e na presença de compostos orgânicos voláteis, tais como ácido acético e ácido fórmico.

Porém, as condições ambientais e a própria composição do metal nem sempre permitem a formação da camada protectora e o metal vai sendo progressivamente atacado de maneira não uniforme. Os sais de chumbo formados, devido ao ataque de ácidos orgânicos, são normalmente transformados em carbonato de chumbo, por interacção com o dióxido de carbono atmosférico. Neste caso acelera-se a corrosão do metal, num processo auto-catalítico, explicando-se o efeito catastrófico causado por pequenas quantidades de ácido no ambiente.

A intensidade do processo de degradação depende da pureza do metal, da natureza dos agentes de degradação e da duração da sua acção. O armazenamento dos documentos durante anos em armários de madeira e arquivos de papel não especial (não *acid-free*), aliado à dramática mudança climática verificada em Coim-

bra nos últimos anos, propiciou uma súbita corrosão dos selos. A alteração manifesta-se por mudança de cor da superfície de um cinzento metálico brilhante, inicialmente baço, para um cinza claro e finalmente esbranquiçado. À medida que a corrosão progride, há uma perda de coesão, ou seja, a superfície vai perdendo coerência transformando-se em pó que progride até à destruição total do selo. Pergaminhos muito importantes da História da Universidade, como o documento de venda do Paço Real da Alcáçova à Universidade por Filipe I, em 1597, possuem selos de chumbo que se encontram em avançado estado de perda de coesão e de ilegibilidade das legendas.

O nosso estudo dos selos de chumbo teve início com a análise não destrutiva de um número considerável de exemplares, representativo da colecção em termos de idade, grau de corrosão e origem (papal ou régia). Começou-se por um estudo de composição dos materiais recorrendo à espectrometria de fluorescência de raios X, uma técnica analítica não destrutiva muito utilizada no estudo de obras de arte. O recurso a esta técnica contou com a colaboração do Grupo de Instrumentação Atómica e Nuclear do Departamento de Física da FCTUC, e do seu coordenador, Joaquim Santos, e, numa fase posterior, com o Centro de Física Atómica da Universidade de Lisboa, com Maria Luísa Carvalho. As dimensões variadas dos pergaminhos e dos cordões de ligação documento-selo limitam as técnicas analíticas a utilizar, e a selecção dos equipamentos a que recorreremos.

O conhecimento da composição elemental do metal do selo auxiliou a selecção de uma técnica electrolíti-

ca de restauro. O recurso a essa técnica é dificultado pelo facto de os selos de chumbo se encontrarem usualmente pendentes dos documentos que autenticam. Isso implicou a utilização de mecanismos de protecção fisico-químicos apropriados.

Uma vez que os armários de madeira, onde se encontra a colecção, não são estruturas bem ventiladas, geram-se microclimas com concentrações relativamente elevadas de compostos orgânicos voláteis no interior das gavetas. Assim, a monitorização fisico-química das condições ambientais da colecção faz parte do plano de intervenção estabelecido.

O pioneirismo do estudo, associado ao entusiasmo de todos os colaboradores do projecto tem correspondido à sua importância e relevo para a defesa da conservação de uma parte significativa da documentação que o AUC tem à sua guarda.

\* Directora do Arquivo da Universidade de Coimbra

\*\* Professor da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra

\*\*\* Boleira de Investigação do Projecto

Fig. 1 - Selo de Chumbo de Bula de Paulo III (1540). Metade da superfície restaurada.

Fig. 2 - Selo de Chumbo de Bula de Paulo III (1540). totalmente restaurado.

Fig. 3 - Selo de Chumbo de D. Pedro II (1706). Trabalho de restauro a meio.

Fig. 4 - Selo de Chumbo de Pio IV (1559). Trabalho de restauro a meio.



# Plantas invasoras: conceitos, impactes e investigação

António C. Gouveia e Elizabete Marchante \*

*Disseminando entre os Eucalyptos Acácias podalyriaefolia, Baileyana, dealbata, mollissima, longifolia, pycnantha, cyanophylla, decurrens, melanoxilon e todas a demais d'este genero, possuiremos quanto baste para termos flôres, de um perfume leve e delicioso, desde os fins de Novembro até Maio. [...] Supponho todavia que o principal valor economico das Acacias, sobrelevando áquelle muito sabido que possam ter para madeira, lenha e cortumes, estará porventura na sua prodigiosa capacidade de criar vegetação nos terrenos áridos, terrenos que, na expressão de Maiden, «nem herva dão», nem para pastagem servem.*

Assim exultava os méritos de algumas acácias australianas Jaime Magalhães Lima (JML), em 1920, muito ao espírito da época, e após vários anos de experiências de introdução e aclimação de espécies exóticas (do grego *exotikós*, “de fora”) com potencial económico. A partir desta descrição, podemos desde já delimitar o objecto deste texto à disseminação de plantas exóticas por acção humana que, intencional ou acidentalmente, fomenta a introdução de plantas fora dos seus limites de distribuição natural, seja por motivos económicos, ornamentais, científicos, ou casuais, como resultado por exemplo do transporte de pessoas e bens.

O intercâmbio activo de espécies tem sido uma constante ao longo da história da humanidade, sendo que aumentou exponencialmente desde a

época dos Descobrimentos com a exploração de floras e faunas novas, que pareciam suprir falhas e enriquecer a biodiversidade local, sem custos aparentes. Neste sentido podemos constatar, por exemplo, que grande parte das plantas que constituem hoje a base da nossa alimentação é originária de outros continentes (e.g., batata e tomate da América do Sul; arroz da Ásia). Sendo que a utilização e manipulação dos recursos biológicos exóticos é um fenómeno inextrincável e crucial da nossa história e maioritariamente benigno, interessa esclarecer o que define uma planta invasora e o porquê da crescente preocupação a nível mundial com as invasões biológicas e o estudo da sua ecologia e impactes negativos no meio ambiente.

Ao longo dos dois últimos séculos, e especialmente nas últimas décadas, o número de espécies de plantas exóticas tem aumentado consideravelmente, ascendendo actualmente, em Portugal, a cerca de 550, o que corresponde aproximadamente a 15 % da flora nativa (tal valor deve ser encarado como conservador, verificando-se continuamente novas introduções). Este número engloba espécies de ocorrência casual, naturalizadas e invasoras, classificações que definem também o processo de invasão por uma planta exótica desde a introdução até ao seu estabelecimento e potencial expansão.

Uma planta exótica considera-se naturalizada quan-



do, mais ou menos tempo após a sua introdução, consegue manter populações reprodutoras ao longo de várias gerações, sem a intervenção directa do homem, embora o recrutamento de novos indivíduos se faça maioritariamente perto dos progenitores. De entre as plantas naturalizadas são classificadas como invasoras aquelas que produzem descendência fértil, frequentemente em grande quantidade, e a distâncias consideráveis dos seus progenitores, com potencial para se expandirem e invadirem ecossistemas naturais, semi-naturais ou humanos.

Ao longo do processo de invasão biológica as espécies exóticas têm que ultrapassar barreiras geográficas, bióticas (e.g., disponibilidade de polinizadores) e abióticas (e.g., tipo de solo) que tornam comum o fracasso de uma planta exótica se estabelecer numa nova área. De facto, importa salientar que apenas uma pequena fracção do grande número de plantas introduzidas no nosso país é bem sucedida a estabelecer-se, expandir-se e, eventualmente, adquirir um carácter invasor. Porém, quando tal acontece, os impactes negativos decorrentes da invasão por plantas podem ser consideráveis. A nível económico, podem acarretar prejuízos elevados, por exemplo, quando são espécies que invadem sistemas agrícolas, florestais ou aquáticos, prejudicando a produtividade, navegabilidade e a conservação e qualidade da água. Podem causar impactes na saúde pública, no caso das espécies que provocam doenças, alergias ou actuam

como vectores de pragas. Têm grandes impactes sobre os ecossistemas naturais e a biodiversidade, nomeadamente pela alteração dos ciclos biogeoquímicos, modificação do regime de fogos, alteração das cadeias alimentares e competição com as espécies nativas. Levam ainda ao empobrecimento e homogeneização das paisagens. A estes impactes acrescem os custos decorrentes da remoção das plantas invasoras e da recuperação dos ecossistemas afectados, quando possível.

A nível europeu foi compilada recentemente uma lista exaustiva de espécies exóticas, plantas, animais e fungos, no âmbito do projecto DAISIE [www.europe-aliens.org], que permitiu uma mais completa apreciação da magnitude das invasões biológicas na Europa. Esta avaliação revelou a existência de mais de 320 plantas com impactes ambientais, económicos e sociais neste continente. Em 1999, a legislação portuguesa foi das primeiras a reconhecer a gravidade deste problema no Decreto-Lei n.º 565/99, que regula a introdução na natureza de espécies não-indígenas (exóticas), listando as espécies introduzidas em Portugal, e assinalando entre essas, 30 plantas consideradas invasoras.

O decreto proíbe a detenção, a criação, o cultivo e a comercialização das espécies consideradas invasoras e de risco ecológico, mas o seu reconhecimento e aplicação efectiva está longe do desejável e está para breve uma revisão e ampliação deste DL.

A invasão por plantas exóticas afecta muitos habitats naturais em Portugal, incluindo, por exemplo, aqueles que ocorrem em dunas, zonas ribeirinhas, áreas de montanha, lagos, sapais e rios, ameaçando a biodiversidade nativa e/ou o funcionamento dos ecossistemas. Estes sistemas com valor ecológico são objecto de estudos desenvolvidos no âmbito de projectos de investigação a decorrer no Centro de Ecologia Funcional (CEF) da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, dos quais é exemplo o estudo da invasão por acácia-de-espigas (*Acacia longifolia*) ao longo da faixa costeira.

*Acacia longifolia tem boa flôr para o córte, crescimento rapido, valor baixo em madeira e tanino, acentuada propensão a rastejar, preciosa como povoador e fixador das areias da costa marítima. É esta a sua qualidade por excellencia, provada entre nós em algumas localidades.*

Estas mesmas “qualidades”, mais uma vez relatadas por JML, levaram a que esta acácia fosse plantada em grandes extensões do litoral centro e norte de Portugal, durante quase todo o séc. XX, e contribuíram para o sucesso desta espécie como invasora. Estudos desenvolvidos no CEF, realizados em ecossistemas dunares invadidos pela acácia-de-espigas, mostram que a invasão por esta espécie, que forma povoamentos muito densos, promove alterações significativas no ecossistema, nomeadamente a nível da vegetação nativa e do solo. Estas alterações permanecem mesmo após a remoção desta planta invasora, dificultando a recuperação do sistema. Adicionalmente, a recuperação das áreas controladas é ameaçada pela germinação das muitas sementes produzidas pela acácia-de-espigas, que se acumulam no solo e aí permanecem viáveis durante muitos anos.

As invasões biológicas são indissociáveis da actividade humana, o que faz com que o controlo das espécies invasoras não seja um problema apenas biológico. O sucesso da luta contra estas espécies invasoras passa por nos sentirmos, cada um de nós, um interveniente activo na resolução deste problema.

Por este motivo, a par da componente de investigação, o CEF tem vindo a investir na divulgação e sensibilização ambiental sobre plantas invasoras. Neste âmbito, desenvolveu-se um sítio web [www.uc.pt/invasoras] e produziram-se publicações e materiais de divulgação, como o *Guia Prático para a Identificação de Plantas Invasoras de Portugal Continental*.

\*Centro de Ecologia Funcional, Departamento de Ciências da Vida na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra



# Ao Largo

ENTREVISTA  
RETRATO DE CORPO INTEIRO  
CRÓNICA  
CRIAÇÃO LITERÁRIA  
LUGAR DOS LIVROS

# “O artista que não seja um mercenário não conta com gratidões, move-se por outras razões”

Por Marta Poiares e Pedro Dias da Silva

*Narrador, ensaísta e dramaturgo, Almeida Faria foi o vencedor ex-aequo da sétima edição do Prémio Universidade de Coimbra (UC), tendo-o partilhado com o cineasta Pedro Costa. Aos 66 anos e com uma dezena de obras publicadas, já venceu vários prémios literários portugueses e, de acordo com o júri, destacou-se como um “dos primeiros cultores na ficção nacional da estética do ‘novo romance’”. Homem reservado, mas de contestação na ponta da língua, viu as suas palavras serem rendidas à notoriedade, desta feita pela UC que quis “repor alguma justiça” quanto à exposição daquele que “ocupa um lugar ímpar no panorama literário português contemporâneo”.*

Tinha apenas 19 anos quando publicou o seu primeiro romance, *Rumor Branco*. O que procurava nessa altura, através da escrita?

Procurava libertar-me da asfixia (naquela altura, sim, era asfixia) e do torpor em que o país vegetava, num estado de sonambulismo pardo. A juventude de hoje deve ter dificuldade em imaginar a falta de perspectivas, a opressiva hipocrisia daquele tempo em que, para os jovens de sexo masculino, uma simples ida a Badajoz exigia licença militar, e o horizonte imediato era a guerra colonial. A escrita foi uma das minhas formas de luta contra os crimes daquela ditadura que tinha “o dom de tornar as almas mais pequenas”.

“Escritor compulsivo, resultado de um acto físico e de uma necessidade bioquímica” (Frederico Lourenço). Escrever, para si, é um ofício ou uma vontade compulsiva?

Ambas as coisas. Se eu não escrevesse, rebentava. Escrever implica, para mim, uma vontade compulsiva, uma necessidade de pôr alguma ordem (ainda que provisória) no nosso caos e no do mundo. O ofício é a consequência inevitável de querer encontrar a melhor forma.

É, dessa forma, um equilíbrio entre trabalho e inspiração?

No meu caso, a chamada inspiração vem quando começo a escrever. Já se sabe que “inspiração” é um termo pouco apropriado: a palavra “impulso” talvez traduza melhor essa primeira fase de prazer puro, da euforia de inventar uma história, de avançar frase após frase. As fases posteriores, o trabalho crítico e autocrítico, serão menos agradáveis, mas são elas que decidem da “altura” da escrita.

Ainda que não se defina por inspiração, existem cenários que o impulsionem a escrever?

Não sou pintor, não preciso de cenários, mas há cenas do passado que voltam de repente, sem porquê. A partir de um caso que me contaram, de uma cara, de uma imagem vista ou sonhada, surge uma realidade nova, que vai ganhando autonomia e intensidade através do sentido, do som ou do tom da linguagem.

É licenciado em Filosofia pela Universidade de Lisboa. Manuel Jorge Marmelo, escritor da nova geração, que também estudou Filosofia, disse que “o campo filosófico é de tal modo impreciso que abre caminho à especulação e à ficção”. Essa formação filosófica alimentou as suas palavras?

Sim e não. A filosofia leva-nos a pensar por conceitos, o que é diferente e pode até opor--se ao pensar poeticamente, no verdadeiro sentido da palavra *poiesis*: fazer, criar. Não creio, aliás, que o campo filosófico seja impreciso. Um dos defeitos da filosofia é definir

demasiado, e definir é pôr um fim, delimitar. A arte, pelo contrário, é tanto maior quanto mais indefinível e mais ilimitada.

Muitas vezes, receber um prémio tão importante como o Prémio Revelação de Romance da Sociedade Portuguesa de Escritores – como aconteceu consigo, em 1962 – torna-se castrador da criatividade. Sente isso relativamente aos prémios literários?

Há prémios e prémios. Aquele prémio de há perto de meio século não foi nada castrador, teve até a vantagem de satisfazer a pequena vaidade adolescente de me afirmar. Foi como uma primeira bebedeira que acabasse com o gosto pela bebida, uma vacina que curasse a ambição de ser ouvido. Serviu-me para descobrir que afinal, prefiro ser quase clandestino.

Essa quase clandestinidade é forçada?

Não, é uma clandestinidade procurada, embora esteja consciente das suas consequências.

No entanto, afirmou – aquando da recepção do Prémio UC – que lhe agradava um bocadinho o facto de ter sido “redescoberto”...

Não sei bem se fui redescoberto. Em todo o caso, fui apanhado de surpresa.

Ana Paula Arnaut considera que a clandestinidade dos escritores se deve, por vezes, ao facto de estarem ou não presentes nos programas do Ensino Universitário/Secundário. Acha que essa é a melhor forma de “exposição”?

É sem dúvida importante estar presente nos programas, e não só por razões monetárias.

É uma questão de integrar os modelos literários dos mais jovens?

Hoje os modelos literários são quase só os que vendem mais. Veja a quantidade de “Dan Browns”.

Os seus livros foram traduzidos em dezenas de línguas diferentes e o próprio Almeida Faria já fez traduções. Sente que se perde alguma coisa na tradução?

O que se perde em certa passagem pode ser ganho na passagem seguinte. Se o tradutor for talentoso, compensa as limitações impostas à tradução de uma palavra ou frase procurando noutra passo maior riqueza, melhores sonoridades. Cheguei a alterar o meu original quando um tradutor não entendia certa frase. Fiz isso trabalhando com Marianne Sandels, tradutora sueca, e com o italiano Marcello Sacco, que traduziram vários dos meus livros.

Viveu como escritor residente nos Estados Unidos (International Writing Program, Iowa City) e em Berlim, onde fez parte do Berliner Künstlerprogram. Essas experiências mudaram o seu conceito de literatura?

Para já, alargaram a minha visão do mundo, o que não é pouco. E, logo, mudaram a minha ideia de literatura.

O que mudou?

Não é o autor que tem de explicar isso. E o autor pode enganar-se ao falar de si.

Em 1998, adaptou ao teatro o romance *A Paixão*, sob o título *Vozes da Paixão*, e em 1999, publicou uma peça intitulada *A Reviravolta*. O teatro ocupa, desta forma, um papel central na sua obra. Em que momento se revelou esta paixão antiga, enquanto autor?

Apesar de ser uma paixão antiga, infelizmente não ocupa o papel central que eu desejava. Escreve-se teatro a pensar no palco. Como em Portugal há cada vez menos público de teatro, essa paixão só se revelou quando surgiu a hipótese de ver *A Paixão* em palco.

Como transforma as vozes de um romance em vozes teatrais? É uma evolução normal?

Não sei se é uma evolução normal, sei que foi espontânea, natural e radical: transformei a prosa dos romances em versos, no teatro, tornando assim mais densa e mais concisa a fala das personagens. Agrada-me o teatro em verso: acentua o ritmo das frases e obriga à brevidade.

A propósito da arte teatral e da influência de Samuel Beckett, diz que quando esbarra com um mestre, toma o caminho inverso. É a contradição que o move?

Gosto da contradição, de fazer o contrário do que de mim se espera e do que outros já fizeram. O espírito de contradição é um dos motores da arte.

Sempre teve o desejo de experimentar cinema, arte que inclusivamente o visita em sonhos. Sente que é tarde para experimentar?

Sim, definitivamente sim. O tempo nem sequer me vai chegar para o que ainda quero escrever.

Essa é uma das suas maiores preocupações — a condição do tempo?  
É a *única* preocupação. Escrevo desde que descobri que sou mortal.

Pedro Costa, que partilhou o Prémio UC consigo, sublinhou que “é preciso deixar a cultura pomposa de lado e voltar à arte e ao artesanato (...), sem esquecer o conhecimento, porque infelizmente, a ignorância tem sido regra”. Concorda com esta ideia?

*A cultura verdadeira nunca é pomposa nem se permite a arrogância da ignorância.*

Existe uma cultura falsa, então?

*A falsa cultura não é cultura.*

Sente, tal como o Magnífico Reitor Fernando Seabra Santos frisou, que a sociedade é muito ingrata com os artistas?

*O artista que não seja um mercenário não conta com gratidões, move-se por outras razões. Mas quanto menos uma sociedade for culta e evoluída, menos valor dá à arte e aos artistas e mais empobrecida fica.*

O Professor Carlos Reis afirmou que “este prémio faz justiça a um escritor muito importante e honra a universidade que o atribuiu”. Acha que este prémio foi uma forma de lhe fazer uma devida justiça?

*Estou grato à vossa universidade, mas não me considero injustiçado. Prefiro o meu tranqüilo quase anonimato. Prefiro continuar fiel ao lema de Valéry: il faut se cacher.*

O júri do prémio sublinhou o facto de ser mais conhecido no estrangeiro do que em Portugal. Porque razão acha que isto acontece?

*Ser publicado no estrangeiro não significa ser conhecido, nem é esse o meu objectivo. Por isso evito entrevistas e não me submeto aos rituais da praça literária, à tirania dos autógrafos em livrarias e feiras do livro. Aliás, ser ou não ser conhecido é muito relativo.*

Após a recepção do Prémio UC, disse sentir-se obrigado a publicar qualquer coisa, ainda este ano. Vai cumprir esta “obrigação”?

*Vou publicar um livro sobre a Índia.*

Porquê sobre a Índia?

*Porque fui convidado a ir à Índia com a condição de escrever sobre essa viagem. Gosto de enigmas, e a Índia é um enigma.*

“Um elegante contestatário, muito atento ao tempo que o rodeia” (Carlos Reis), “um homem que se empenhou na luta política, no sentido de traduzir para a escrita aquilo que ele considerava que deveria ser a transformação da sociedade” (Cristina Robalo Cordeiro). Revê-se nestas definições?

*Procuro dar a devida atenção ao tempo que me rodeia, mas não aspiro ao papel dos vates que vaticinam. A história mostrou e demonstrou que grandes autores se enganaram tragicamente quando se armaram em pregadores ou profetas.*

O que transformaria na sociedade actual?

*Se me dessem a possibilidade de transformar algo, começaria pelo mais simples: começava por pedir que reduzissem a duração disparatada dos telejornais, o que evitaria noticiários em que a mesma notícia é repetida dezenas de vezes durante vários dias, e sugeria a reciclagem de uns tantos locutores cuja linguagem se reduz a chavões insuportáveis. Com a conjugação de mais algumas circunstâncias felizes, incluindo a procura do essencial, a preocupação com as verdadeiras questões e o respeito pelos factos, talvez o resto viesse, pouco a pouco, por si.*



“Gosto da  
contradição,  
de fazer o  
contrário do  
que de mim se  
espera e do  
que outros já  
fizeram”

Carlos Figueiredo

# *Modelador de sonhos*

Marta Poiares

“Isto é parte do que sou, do que continuo a ser”. Carlos Figueiredo, um dos mais reconhecidos nomes ligados ao Teatro Universitário conimbricense, não gosta de falar. Prefere mostrar. Parco em palavras, passeia-nos pela memória dos seus 72 anos inscritos em imagens: cartas, documentos ou bilhetes de teatro. Guarda tudo longe do pó do tempo que passa. O passado corre-lhe na voz não embargada pela nostalgia, por nunca ter deixado de fazer aquilo que sempre fez: moldar a madeira, como quem molda a vida.

Não começou logo como carpinteiro, mas na verdade, sempre o foi. Nasceu em Portugal, mas viveu em Angola desde os três anos. O futuro trocou-lhe os passos e acabou por voltar a Portugal, pouco tempo depois: “Estivemos lá apenas seis anos, porque o meu pai, também carpinteiro, morreu muito novo. Éramos quatro filhos e tínhamos de ajudar a minha mãe”. Aos 11 anos, já de volta ao país, terminou a 4ª classe e começou a trabalhar, de imediato. O seu desejo era ser serralheiro, mas era demasiado jovem. “Ninguém me aceitava, porque era só um miúdo”, explica. No entanto, a necessidade ditava o destino, pelo que acabou por começar a trabalhar numa oficina de construção, na Rua da Nogueira, em Coimbra. Apesar de o pai e o avô terem tido o mesmo ofício, garante não ter sido com eles que aprendeu o que sabe hoje. Foi ali, na oficina do sócio do pai, Júlio Ferraz - mais tarde, seu padrinho -, que aprendeu toda a arte e o engenho que constroem a carpintaria: “O meu primeiro trabalho foi a endireitar pregos, na altura em que estes se aproveitavam de obra para obra. Ganhava 25 tostões por cada um que endirei-

tava. Hoje em dia, já não é assim, não prestam para nada”.

Ainda como aprendiz trabalhou no Teatro Paulo Quintela, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (UC). Desde então que os caminhos da arte cénica e de Carlos Figueiredo se cruzaram e confundiram, nunca mais existindo um, sem existir o outro. Grande parte da sua actividade profissional foi sempre dedicada às actividades cénicas, com destaque para o Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra (TEUC), por cedência da Reitoria, depois no Teatro Académico de Gil Vicente e, mais recentemente, n’A Escola da Noite — Grupo de Teatro de Coimbra.

Em 1963, no dia 18 de Dezembro, começou a trabalhar para a UC, mas como serventuário de segunda classe nas instalações académicas: “Vencia mais como serventuário e, na altura, não havia lugar de carpinteiro disponível”. Em 1965, acumulou também funções de projeccionista no Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV), assim que o espaço começou com a exibição regular de filmes, na altura no formato de 70mm: “Gostava muito de o fazer, mas era o cabo dos trabalhos. Tínhamos de ensaiar antes, travar e acrescentar ou tirar fita, as legendas eram projectadas a carvão... Fazia porque tinha de fazer. Só assim é que os filmes vinham a Coimbra”, recorda.

Por volta de 1968, no Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra (CITAC), ainda nas velhas instalações situadas nas caves da velha Universidade, o Sr. Carlos – como é conhecido -, “dava uma mão, sempre que precisavam”. Foi ele que desmanchou a

bancada e que construiu os camarins sob a mesma. Ainda hoje perduram.

As primeiras peças que viram o cenário ser por si erguido foram, nas palavras certas do próprio, *Tartufo*, de Molière, com Francisco Delgado como protagonista, e *O Professor Taranne*, onde entrava António Barreto. Desde então trabalhou, entre outros, igualmente com a Bonifrates, a Oficina do Teatro, o Teatro da Rainha, o Teatro Viriato, o Teatrão, a Escola Universitária de Artes de Coimbra ou a Escola Superior de Educação. Com alguns deles correu mundos e fundos: regressou a Angola, foi à Guiné, Moçambique, Madeira, Açores, Espanha, França, Itália, Brasil... “Viajei mundo fora com eles e recebiam-nos bem em todo o lado”, recorda. Homem de poucas palavras, mas de palavra, lembra-se de duas situações que explicam o reconhecimento intocável de todas as companhias por onde passaram as suas mãos: “Da última vez que fui a Angola, deixaram-me cá ficar. Carregámos as coisas, no TAGV, e enquanto fui à oficina, arrancaram. Peguei num táxi e apanhei-os já em Lisboa, na portagem. Exclamaram logo: ‘Eu logo vi que o Sr. Carlos não nos deixava enrascados!’”, conta de riso a atropelar as palavras. Já em 1993, quando estive em Lisboa com as peças *Mandrágora e Susn*, convidaram-no a ficar a trabalhar no Centro Cultural de Belém, mas Carlos Figueiredo não virou costas a quem o acolheu: “Não aceitei, quis ficar aqui sempre”.

Em 1995 reformou-se, mas continuou a trabalhar. Quiseram os dias vindouros pregar-lhe mais uma partida: dia 5 de Dezembro de 1999 (cada sílaba desta data é sublinhada de forma carregada pelo protagonista) sofreu um acidente enquanto no palco do TAGV. Caiu de uma altura de seis metros e esteve 12 dias em coma profundo. Se foi um tempo difícil? “Não, foi como outro qualquer”, responde de firmeza na voz. Regressou ao trabalho em menos de nada, mas acabou por sair do TAGV: “O Dr. Abílio [Hernandez], na altura director do teatro, ficou chateado porque não queria que eu me fosse embora. Mas não me sentia em condições, porque não estava a fazer o meu trabalho”. Apesar disso, nunca pensou

em desistir: “Desistir? Não. Não estava em idade de aprender novamente um ofício e não fiquei com medo nenhum”.

José Neves, um dos fundadores do projecto A Escola da Noite, onde co-encenou *Amado Monstro* de Javier Tomeo, espectáculo inaugural da companhia, garante que com Carlos Figueiredo se perdia o medo de todas as alturas: “Ganhámos o prazer da altura! Carregávamos pianos e subíamos varas de projectores à voz do Sr. Carlos. Erguíamos outros mundos no palco. Apagávamos as luzes e fechávamos o teatro.

E, se a janela da pensão em que estávamos alojados não estivesse em condições, ele ainda arranjava maneira de a consertar, antes de dormir”, conta.

*Amado Monstro* tinha a cenografia a cargo de João Mendes Ribeiro, com quem Carlos Figueiredo trabalhou muitas vezes. “Ele desenhava, fazia a maquete e eu executava a obra”. Tão simples quanto isto. João Mendes Ribeiro conta que estes dispositivos cénicos foram sempre um acto de afecto entre os dois: “De gesto criativo de uma imensa generosidade, o Sr. Carlos tornou-se co-criador, profundamente implicado na arte final do objecto cénico. A sua participação no processo criativo como sujeito, a relação entre mestre carpinteiro e o arquitecto, adquire a dimensão de uma cumplicidade detectável em muitos dispositivos cénicos construídos para A Escola da Noite”.

Por vezes, a projecção abstracta de um cenário era difícil de ser concretizada em matéria, mas nunca impossível. Pelo menos, para o artífice: “Nenhuma montagem é impossível para ele o que deixa a equipa bastante inquieta. Quantas vezes quis ouvir da boca dele, que não era possível. Mas não: nunca ouvi”, confidencia José Neves. O próprio visado desmistifica essa proeza: “Às vezes, era mesmo complicado. O cenário do *Amado Monstro* foi complicado, por exemplo. Passei noites inteiras sem ir à cama”, admite.

António Barros, que o conheceu na moldura da vida académica coimbrã, lembra-se bem das lutas que Carlos Figueiredo, por vezes, tinha de travar: “Eram, na encomenda, quererem tantas vezes na fronteira do absurdo, mas, para ele, não haviam medos nem



negação. Era um lutador constante contra o tempo escasso e a utopia do desenho”. E evoca: “Homem sem sono, recordo-o a trabalhar pela madrugada fora na magreza da noite – com a esposa, e companheira, a contrariar-lhe a solidão confortando-o com a sua presença enquanto ele carpinteirava –, fazendo escoar do seu talento serenas construções, forma do que, em nós, tinha começado por ser apenas o imaginário de um sonho”.

Em meados da década de 1980, conheceu Jorge Ribeiro - “homem das luzes”, como lhe chama –, quando este ingressou no TEUC e, desde então, já passaram 25 anos de colaboração regular. Para o *desenhador de luz*, no Sr. Carlos destacam-se “a sensibilidade, o humanismo e o seu Saber. É usando madeira como matéria-prima que melhor consegue exprimir todo o seu imenso talento e experiência”. Carlos Figueiredo conta estórias como constrói cenários: com as mãos, telúricas, de quem mete dedos à obra. Para além do trabalho como carpinteiro, cava terra, ata videiras, semeia batatas e favas,





planta oliveiras. “Há sempre terra para cavar”, ri-se, com uma simplicidade que desarma. Casado há 50 anos – isso sim, “é obra”, diz ele em jeito de brincadeira – tem três filhos e nenhum seguiu o ofício de carpinteiro. “Eles têm serviços mais limpos e mais seguros do que eu. Estão melhor assim”, garante. Tornando um privilégio observar a transformação de nadas em tudo, com apenas as mãos e uma persistência incrível de quem não se rende ao impossível, o Sr. Carlos é apelidado de “modelador de sonhos” por António Barros: “Um mágico. Alguém que, numa função *terapêutica*, ocorria de forma sábia a solucionar todos os embaraços e avarias recorrendo ao seu fascinante arquipélago de gavetas que contornavam a oficina. Incansável e rigoroso no seu ofício, fazia nascer do seu silêncio frutuoso,

objectos únicos a darem forma nobre às ideias ganhas. Desdobrava-se em convulsivos empenhos, sempre em salvação dos programas que, com a sua mão gigante, logo resultavam vitoriosos”. João Mendes Ribeiro sublinha esse privilégio que é estar perto daquele a quem chama de mestre: “Todos ganhamos muito com a qualidade do seu trabalho e, sobretudo, com a sua enorme qualidade humana”. “Modelador de sonhos”, “Mestre”, “exemplo de brio”... Para si próprio, é apenas “Carlos Manuel de Figueiredo e chega”. Se algum dia vai deixar de modelar o mundo do teatro? “Não sei. Trabalharei até poder”, conclui.





# História de um Ciclo de Cinema, de uma Visão do Ensino Superior

Júlio Mota, Luís Lopes e Margarida Antunes \*

Hoje, pode dizer-se que o Ciclo Integrado de Cinema, Debates e Colóquios na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC) é uma organização que tem como objectivo principal o envolvimento da comunidade estudantil, da comunidade universitária e da cidade de Coimbra em reflexões sobre temas essencialmente de ordem económica, que têm marcado o ritmo, a intensidade e os acontecimentos da economia global. Em cada Ciclo, escolhe-se um tema genérico e a sua discussão é feita ao longo de várias sessões cada uma com um sub-tema específico e que envolvem colóquios ou conferências, dirigidas ao público universitário em geral, e projecção de filmes/documentários temáticos, seguida de debate, abertos também ao público da cidade.

Esta configuração é o resultado de um caminho já iniciado há mais de 15 anos e que tem como ponto de partida a disciplina de Economia Internacional, leccionada no curso de Economia da FEUC. É uma disciplina que exige um certo formalismo quer do ponto de vista analítico quer gráfico, exigente assim no plano lógico. Julgamos relevante por isto motivar o estudante para a compreensão e a aquisição dos conteúdos teóricos e suscitar o seu interesse pelas matérias a partir do conhecimento da realidade económica associada a esta disciplina. Simultaneamente, este tipo de exercício permite reflectir de modo crítico o conjunto dos teoremas que dão corpo teórico

à disciplina, tornando estes em termos de raciocínio abstracto e em termos emocionais, menos distantes dos estudantes.

Para isto, começámos a introduzir no regime de avaliação contínua componentes que exigem a leitura e a análise de livros-ensaios sobre temas da realidade económica de hoje, que está quase sempre para além de qualquer manual, e que julgamos necessários para a formação de base de um economista; exige-se ainda a transposição para a forma escrita do trabalho resultante. Com isto, procura-se também reforçar ou estimular no estudante o interesse pela leitura, pela análise do que se leu em confronto com a teoria e igualmente motivar para a escrita.

Por esta via, procura-se enfim aprofundar o que julgamos essencial na função da Universidade, que é fazer de cada estudante um cidadão capaz de reflectir, pensar criticamente, as questões do seu tempo, a sua sociedade, a sua economia. Aliás, função que a Universidade de Coimbra (UC) espelha claramente nos seus Estatutos, quando no artigo 2, intitulado “Missão”, no n.º 1, se pode ler: “A Universidade de Coimbra é uma instituição de criação, análise crítica, transmissão e difusão de cultura, de ciência e de tecnologia (...)”.

Este tipo de método de avaliação contínua, mas simultaneamente uma metodologia de ensino, mantendo-se no tempo, exige que os livros seleccionados variem

de ano para ano, o que nem sempre é fácil no quadro do mercado livreiro nacional. Por essa razão, e para preencher estas necessidades, muitos dos livros já utilizados foram publicados em Portugal e tornados acessíveis ao leitor, em português, sobre proposta nossa, sendo de destacar obras como *O Debate Tabu*, de Jean-Paul Fitoussi, *O Futuro do Sucesso*, de Robert Reich, *A Armadilha da Globalização*, de Hans Martin e Harald Schumann, *Globalização: A Grande Desilusão*, *Os Loucos Anos 90* e *Tornar Eficaz a Globalização* de Joseph Stiglitz ou *A Ilusão Neoliberal* de René Passet e outros mais.

A publicação pelo jornal Le Monde, em 2005, de uma entrevista a Hubert Sauper, realizador de cinema, em que se analisava o seu filme *Pesadelo de Darwin* (2004), levou a uma nova metodologia de ensino, como complemento à anterior: a utilização do cinema como material de suporte do ensino, como meio de motivação dos estudantes. Julgamos que certos filmes/documentários podem ajudar a alterar a percepção que se tem da realidade, podem ajudar a despertar todos os nossos sentidos para repensar e reflectir a realidade por si só mas também de repensar e reflectir esta mesma realidade à luz das teorias económicas estudadas.

No caso do *Pesadelo de Darwin*, a problemática que analisa levanta uma série de questões directamente articuláveis com a disciplina em questão e não só. Neste, o que motivou o nosso maior interesse foi, de imediato, não tanto a análise política das questões africanas, mas sim a análise das trocas comerciais entre o Norte e o Sul. Um continente “esquecido” na distribuição dos ganhos do processo de globalização, não incluído nas redes dos fluxos de capitais produtivos e de bens manufacturados, sendo identificada e apontada apenas a sua presença através dos fluxos migratórios, mas continente lembrado como instrumento deste mesmo processo, nomeadamente na apropriação e exploração das matérias-primas, como local de origem de certos bens alimentares que satisfazem o paladar de muitos europeus e não apenas, como o filme exemplarmente documenta.

Parecendo-nos uma metodologia correcta, decidimos introduzi-la no ano lectivo 2005/2006. Assim decidido, e considerando que o filme assentava numa análise fortemente crítica das relações entre o Norte e o Sul na sua vertente comercial, pareceu-nos igualmente correcto e, na mesma linha, procurar um outro filme que completasse o anterior, analisando também as relações entre o Norte e o Sul, mas agora na sua vertente financeira. Para tal, passámos para outro continente, com a projecção do documentário *Memória de um Saque* (2004) de Fernando Solanas, que analisando a crise financeira da Argentina mostra os efeitos dos programas de apoio estrutural da autoria do Fundo Monetário Internacional (FMI) sobre aquele país, outrora celeiro e talho do mundo do mundo, mas onde, em 2001, chegaram a morrer de fome, em média, 100 pessoas por dia.

Com a colaboração dos estudantes, organizámos então as duas projecções, sendo cada uma delas seguida de um debate com comentadores convidados para o efeito. Os dois filmes foram projectados no Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV) com entrada gratuita. Esta era uma condição de partida do nosso empenho na iniciativa e a ela se associou a direcção do Teatro, que nos disponibilizou gratuitamente a sala. Desta maneira, pretendia-se que os debates sobre os temas da actualidade se tornassem debates da Universidade abertos à cidade, e não debates apenas da e na sala de aula, na Faculdade.

Este objectivo enquadra-se nitidamente na “Missão” que a UC assumiu nos seus Estatutos, quando no artigo 2.º, se escreve, no n.º 1 (na sequência do texto anteriormente citado), “A UC é uma instituição (...) que, através da investigação, do ensino e da prestação de serviços à comunidade, contribui para o desenvolvimento económico e social, (...) para a promoção (...) da cidadania esclarecida e responsável e para a consolidação da soberania assente no conhecimento” e, no n.º 2, “A Universidade tem o dever de contribuir para: a) A compreensão pública das humanidades, das artes, da ciência e da tecnologia, promovendo e organizando acções de apoio à difusão da cultura

humanística, artística, científica e tecnológica, disponibilizando os recursos necessários a esses fins (...). Em cada sessão de cinema, como comentadores, contámos com professores universitários e/ou especialistas nos temas neles abordados para interpretar os filmes, darem a sua visão crítica e ajudarem os estudantes, e igualmente o público, a questionar os filmes, a questionar a realidade que os mesmos reconstruam e que, por vezes, antecipam, como também a ajudar a aprender a ler cinema. Em cada sessão, foi organizado um caderno de textos de apoio à análise dos temas tratados. Estes cadernos tinham e têm um duplo papel. Por um lado, desenvolver o efeito pretendido com a leitura dos livros-ensaios, que assim ganhava uma outra eficácia, pois desta forma colocaríamos os estudantes perante situações concretas e mais adequadas aos seus diversos perfis e interesses mais específicos; por outro, colocar à disposição da comunidade universitária, e da cidade, textos de referência em português sobre temas da economia contemporânea.

Nos dias que se seguiram à projecção de cada um deles, os comentários que mais ouvimos dos estudantes foram: “professor, aquilo não pode ser verdade, aquilo é só cinema de ficção!” Ficou claro para nós que a força das imagens dava uma enorme força aos textos de apoio dos cadernos, que a força dos comentários, da palavra, dava, por seu lado, um maior sentido às próprias imagens. Ficou igualmente claro que, por esta via, se despertava de facto o interesse dos estudantes por temáticas deste género.

Tudo isto criou as bases para um projecto mais ambicioso, a realização de um ciclo anual, que incluísse, a par dos filmes/documentários e respectivos debates, também colóquios e conferências que servissem de suporte aos primeiros.

O primeiro Ciclo teve como tema *África Começou, África Está Mal: A Tragédia Africana*. Desenvolveu-se ao longo de nove sessões, nas quais se abordou o mal-estar africano e não só, o mal-estar civilizacional, porque a África em análise era a África do Colonialismo, do Neocolonialismo, a da Libertação Nacional e era

também já a África moldada pela economia global e pelas suas linhas de interesses. Neste Ciclo organizaram-se dois colóquios: um sobre *Globalização, Pobreza e Migrações* e o outro sobre *Pobreza, Dívida Externa e as Instituições Irmãs (Banco Mundial, FMI e OMC)*, com a presença quer de professores universitários quer de especialistas nacionais e estrangeiros. Na impossibilidade material de explicarmos com algum detalhe o que foi este Ciclo, cremos que é possível sintetizar bem o seu trajecto pensando no filme/documentário *Kisangani Diary*, que fez parte das películas projectadas, e em Joseph Conrad e no seu livro *Coração das Trevas*, que aliás estiveram sempre presentes ao longo de todo o Ciclo. Comparando-os e tendo presente apenas as imagens, nunca se terá ido tão longe no trajecto de Conrad como se vai em *Kisangani Diary*. Não se sobe o rio, caminha-se ao longo da via-férrea, caminha-se violentamente no sentido da violência global, absoluta, no sentido do coração das trevas, no sentido do para além d’*A Curva do Rio*, de Naipaul, no sentido do para além do que é a Humanidade.

A experiência tida com este Ciclo confirmou os nossos objectivos. Havia pois razões para continuar.

No ano lectivo seguinte, 2007/2008, lançámos então o terceiro Ciclo, sob o tema *Integração Mundial, Desintegração Nacional: A Crise nos Mercados de Trabalho*, agora também em colaboração com o TAGV, surgindo então o Ciclo Temático DOC TAGV/FEUC.

Da análise da desigualdade entre continentes para a análise da desigualdade entre participantes no processo produtivo. Com efeito, existem paradoxos cada vez mais evidentes na economia global. Um deles está ligado ao percurso que queríamos calcorrear durante este Ciclo. A produção é cada vez mais globalizada, numa economia cada vez mais planetária, cada vez mais desregulamentada, enquanto a força de trabalho que garante essa mesma produção assenta em relações laborais definidas em bases nacionais. Este paradoxo, ou talvez esta escolha política, tem sido utilizado para reforçar políticas de competitividade e de atractividade de investimento estrangeiro, fundamentadas em variáveis do mercado de trabalho que

têm impedido a melhoria das condições de trabalho e de vida dos países de baixos salários, e têm provocado a degradação dessas mesmas condições nos restantes países. Pensando em Clássicos como Adam Smith e David Ricardo, os pais fundadores dos teoremas do livre comércio, julgamos que estes não defenderiam os suportes teóricos da actual economia global, pois uma análise mais ou menos cuidada aos seus teoremas revela que o salário para eles nunca constituiu uma fonte de competitividade. É por tudo isto que julgámos necessário reflectir sobre estas questões.

Pela primeira vez, incluímos também duas sessões deste Ciclo no processo de avaliação contínua da disciplina de Economia Internacional, através da elaboração, por parte dos estudantes, de uma recensão escrita do filme apoiada pelos textos de apoio do caderno da respectiva sessão. A adesão dos estudantes à nova componente da avaliação contínua foi enorme, o que nos *obrigou* a manter a mesma linha de orientação pedagógica e científica.

Surgiu assim o Ciclo de 2008/2009 que teve como tema *Economia Global, Mercadorização e Interesses Colectivos: Pessoas, Mercadorias, Ambiente e Paraísos Fiscais*. Foi estruturado antes do deflagrar da crise económico-financeira (Setembro de 2008), mas sucessivamente marcado pela evolução da mesma. Tivemos ao longo de dez sessões, diversas câmaras de filmar, diversas maneiras de ver o mundo, diversos olhares críticos sobre diferentes ângulos da realidade contemporânea, da responsabilidade de convidados nacionais e estrangeiros apoiados por diversos filmes e documentários. Foram, pois, diferentes metodologias e abordagens que propusemos para que se ganhasse uma outra forma de compreender, de ler e de questionar o modelo económico e social dominante hoje, os seus pressupostos, as suas práticas e as suas consequências; enfim, a realidade presente de um mundo em crise. Sem este tipo de discussão não é possível um outro modelo, uma saída da crise, confirmando assim a posição de Einstein para quem “não se pode resolver um problema no quadro do pensamento que o gerou”.

Este Ciclo terminou com uma sessão especial em que estiveram presentes James Galbraith e Jérôme Creel. Um debate sobre as duas grandes crises, a Crise de 29 e a crise de agora, sem esquecer muitas outras mais pequenas, foi o tema que ocupou estes dois economistas na FEUC.

No ano lectivo 2009/2010, o Ciclo tem como tema *Economia Global e os Muros da Repartição do Rendimento*. Sem nos alongarmos sobre a razão de ser deste título, este resulta da ideia de que a crise económico-financeira actual provém também de disfuncionamentos da economia real, que se processaram ao longo das três últimas décadas. Muitos deles são resultado da flexibilização em todos os mercados e da desvalorização do salário como componente do rendimento, fundamental na formação de expectativas económicas, necessárias para se garantirem níveis de procura efectiva capazes de assegurar um crescimento económico sustentado. Por outras palavras, as leis que determinam a repartição de rendimentos são centrais na crise de hoje. Nunca, como agora, David Ricardo esteve tão actual quando afirmou nos seus *Princípios*: “O produto da terra — tudo o que se extrai da sua superfície pela aplicação conjunta do trabalho, equipamento e capital — é dividido por três classes da comunidade, quer dizer, o proprietário da terra, o possuidor do capital necessário para o seu cultivo e os trabalhadores que a amanham.

Porém, cada uma destas classes terá, segundo o avanço da civilização, uma participação muito diferente no produto total da terra, participação esta denominada respectivamente renda, lucros e salários; esta situação dependerá principalmente da fertilidade da terra, da acumulação do capital e da densidade da população e da habilidade, inteligência e alfaias aplicadas na agricultura.

O principal problema da Economia Política consiste em determinar as leis que regem esta distribuição”. Com este Ciclo estamos a percorrer um longo trajeto, com o qual se quer perceber e debater, as leis, as normas, as regras, que regulam a repartição de rendimentos em cada formação social na economia global.



Esta é pois a história de um caminho, de um projecto que queremos manter vivo, com o qual, de sessão em sessão, se quer continuar a afirmar que a riqueza da Democracia está na nossa capacidade de questionar os efeitos da sua vivência, muitas vezes escondidos, esses sim, nos detalhes das práticas de manipulação. É na procura destes detalhes que se quer descortinar o real, que se quer inserir os objectivos desta iniciativa.

\* Professores da Faculdade  
de Economia da  
Universidade de Coimbra

# Lisboa, 13 de Março de 2010

Jorge Vaz Nande

Meu amor,

Está tudo bem por aqui. Ontem à noite fui fazer *slam*. Alguém veio falar comigo depois, dizer-me que tinha gostado, mas não lhe fixei nem o nome nem a face. Alguém, só, uma pessoa desligada de tudo o resto. Como naquele site de que falei e não gostaste, o que te põe a falar com alguém ao calhas de qualquer lado do mundo. Isso era algo que me agradava, disse-te então, porque te coloca numa posição em que és livre de optar pela absoluta honestidade ou pela pura aldrabice. E tu perguntaste: qual a necessidade disso?

Se calhar, tinhas razão. Quer dizer, não sei – já toda a gente perguntou tudo a toda a gente, mas ainda temos que justificar a existência de frases. Senão, para quê reinventar o sorriso dia a dia? Ainda que, como ontem, me lembrem uma evidência – a de que a minha geração vai começar agora a morrer – ainda assim, é preciso reinventar o sorriso dia a dia.

Mas, como te digo, está tudo bem por aqui. E tu?, fala-me de ti, ainda carregas o carro avariado pelas ruas da América do Sul? Ainda dás de comer ao filho que o vizinho não trata bem? O cão da casa em frente, já morreu?

Por aqui, as semanas vão passando em linhas de luz que me parecem sempre iguais em cegarem-me. Às vezes, não tenho tempo para pensar em mim e nos outros, só nas coisas a fazer. Noutras alturas dou por mim a lutar contra as palavras ou com elas contra todos os demais, como se não

houvesse mais batalhas ou adornos possíveis. Mas não consigo evitá-lo. O que sou sem as minhas palavras? Que valor terei sem dizer “acredito nisto e é tudo o que tenho para dar”?

Às vezes, interrogo-me se vale a pena e imagino o Dom Quixote a brandir a espada contra moinhos que insistem em não parar de rodar. Mas eu nem alucinações tenho, não vejo gigantes à minha frente. Eu só vejo coisas que não estão certas e pressinto o dever de incounter a indignação. Dói-me o desânimo de estar permanentemente a tentar estrangular o medo e de alguém me tocar no ombro, dizer que estou a fazer mal e deixá-lo escapar-se. E eu sei que me lês com paciência nos olhos e no sorriso, que me acarinhas a loucura como traço de carácter, que não te surpreendes quando eu grito que isto não deve estar sujeito ao limite de nós mesmos, à conveniência, ao recato, à boa educação. Eu sei lá. Tenho mais apreço pelo paternalismo de quem me suporta a cabeça do que pelo respeito de quem me aperta a mão. Se cair da carruagem, quem preferiria ter comigo?

Mas, como te digo, está tudo bem por aqui. E tu? Já tens notícias da amiga que te ia visitar? Sempre chegaste a ir de carro até àquela cidade patrimonial mundial? É tão bonita como dizem? E os bebés da Fernanda, estão bons? O teu pai ligou: vão transformar em garagem uma casa onde já viveste. Já sabias? Isso deixa-te triste?

Anteontem, escrevi mais uma visita turística para



um grupo de estrangeiros que vinham visitar a cidade. Fi-los passear pela zona velha e, mesmo no momento certo, um actor aparecia de detrás de uma parede de pedra. Era suposto dizer-lhes que se chamava Logan, que era um espião americano colocado aqui durante a II Guerra Mundial e levá-los a visitar um antigo armazém de armas. Mas, em vez disso, o actor fez silêncio, levantou às pessoas um daqueles olhares parecidos com uma muralha desfeita e perguntou

*“Já alguma vez viram algo de verdadeiramente belo?”*

Não posso ter nada contra ele. Falava-te em cima de conveniências, do pouco que acredito nelas. A representação, como a guerra, é a arte da dissimulação; mas como negar a alguém o poder de se ligar imediatamente à humanidade num momento em que não há honorabilidade a poder detê-lo? Agora tenho que me separar dele, castigá-lo pela imprudência. Tivesse-a eu. Odeio o mundo, sabes? Cada vez estou menos convencido que haja solução para metade dos seus problemas, como se tivéssemos sempre chegado um pouco tarde demais. E assim se vai construindo a História dos dias: no acaso, no aleatório pateta alegre do desenrascanço. Não acredito em nenhuma teoria da conspiração, mas quem me dera poder fazê-lo. Eu queria acreditar em teorias da conspiração, que todos temos a capacidade de nos organizarmos de forma secreta e competente para dominar o mundo, mas ainda não ouvi uma com força suficiente para que, por ela, os homens e as mulheres percam a sua capacidade inata para fracassar. Alguém iria sempre quebrar o pacto de silêncio; um esforço necessário seria levado a cabo de modo pouco satisfatório; alguém descobriria a mentira na base do bolo.

Seja como for, talvez te tenha escapado a importância da pergunta do actor atrevido: *“Já alguma vez viram algo de verdadeiramente belo?”*. O que mais

me surpreendeu foi a ausência de resposta. Um monte de turistas, no bairro velho, a olhar para o nunca como quem grita “entretendam-me!” e sem perceber o que se está a passar. Porque é que alguém na expectativa de entretenimento não se pode contentar com a memória do que mais belo viu?

Mas não te deixes enganar, está tudo bem por aqui. Há programas bons na televisão, ando entretido com uma série de vampiros e o trabalho não se queixa. Eu queria mesmo era saber de ti. Se ainda tens a mania de estar horas na praia a pegar em areia e vê-la escapar-se do teu punho fechado. Se ainda usas a camisola que a tua avó te deu. Se pões o mesmo perfume. Se ainda lês o poema que te escrevi e que disse ao vivo pela primeira vez na mesma noite em que o vento veio e arrancou o tecto do teatro. Se ainda te ris das pessoas que usam peruca. Queria saber se isso tudo ainda é verdade para ter a certeza de que não te inventei, que és real e existes fora de mim. Precisava disso, sabes? Às vezes parece que não há muitas coisas a fazer sentido. Não me dá para o desespero ou para a depressão, mas fico muito cansado. Reconheço nisso tudo o que há nos outros; reconheço tudo o que há em mim.

A batalha: nunca acaba, nunca acaba, nunca acaba.

Eu espero que esta carta te encontre bem. Espero que, enquanto a lês, sejas a pessoa mais feliz, luminosa, a mais cheia de ti própria. É que eu não tenho respostas para te dar. Vou inventando enquanto vou andando e espero que tudo corra pelo melhor. Não consigo pensar noutra modo para viver, não para mim. Estamos sempre a tomar decisões; são necessárias e, ao mesmo tempo, nada sérias. Isto chega para ti? Diz-me, por favor: isto chega mesmo para ti?

Não deixes de me responder.

# Lugar dos Livros

**Título:** Génesse e Consolidação da Ideia de Europa. Vol. IV

**Coordenação:** Nair de Nazaré Castro Soares, Santiago López Moreda

**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra.

Série *Documentos*.

Coimbra 2009

Reflecte esta obra sobre a identidade europeia, assente em matrizes culturais clássicas e judaico-cristãs. Se hoje podemos afirmar que não existem diferenças substanciais de cultura entre os povos do Ocidente, latinos, germanos ou eslavos, ou entre aqueles que, não sendo europeus, herdaram também uma parte significativa da sua cultura (americanos, australianos ou africanos), isso deve-se a um passado colectivo e a toda uma herança espiritual, intelectual, ético-política e civilizacional do Mundo Antigo que nunca se apagou por completo. As primeiras nações da Europa Moderna formaram-se sob a influência das gloriosas ruínas da Antiga Roma, síntese da civilização greco-romana e do universalismo cristão.

**Título:** Fundamentos de Balanços de Energia

**Autores:** Isabel M. A. Fonseca, Ana Paula Egas

**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra.

Série *Ensino*.

Coimbra 2009

Fundamentos de Balanços de Energia é um manual que aborda de uma forma simples e pedagógica a realização de balanços energéticos em sistemas em estado estacionário. Abrange uma parte significativa dos programas das disciplinas de Análise de Sistemas Químicos e Biológicos e Termodinâmica,

dos actuais Mestrados Integrados em Engenharia Química e Engenharia do Ambiente.

**Título:** A Ciência da Informação Criadora de Conhecimento. Vols. I e II

**Coordenação:** Maria Manuel Borges, Elias Sanz Casado

**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra.

Série *Documentos*.

Coimbra 2009

Com esta publicação, pretende-se recolher e difundir parte do conhecimento gerado em Ciência da Informação na região ibérica e que foi apresentado no IV Encontro Ibérico EDIBCIC2009. As contribuições apresentadas agruparam-se em torno de quatro grandes temas de interesse científico e nos quais trabalham investigadores, docentes e profissionais deste campo.

**Título:** Cuontas de la Dona Tierra

**Autores:** Maria Helena Henriques, Maria José Moreno, A. M. Galopim de Carvalho

**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra.

Colecção *Descobrir As Ciências*

Coimbra 2009

Contos da Dona Terra, agora publicado em língua mirandesa, é uma das primeiras incursões da Imprensa da Universidade de Coimbra nesta aventura editorial. Trata-se, neste caso, de editar em novos moldes um trabalho assinado por três autores com perfis científicos um tanto distintos mas reunidos por uma característica comum: um enorme gosto por partilhar com os nossos pequenos cidadãos de

amanhã o seu imenso saber sobre os mistérios e encantos da natureza, naquilo que esta tem de mais primitivo e, portanto, de mais genuíno e verdadeiro. Minerais, vulcões, cursos de água e animais de todos os tipos são os companheiros ideais para uma série de aventuras em que o Planeta Terra é o vasto e magnífico cenário em que quase tudo pode acontecer.

---

**Título:** Acção Social Escolar na Universidade de Coimbra

**Autor:** António Luzio Vaz

---

**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra.

Série *Documentos*.

Coimbra 2009

Esta obra visa contribuir para a caracterização do que tem sido a acção social no ensino superior, em particular na Universidade de Coimbra. Partindo da evolução histórica do sistema de acção social e dos princípios e filosofia que têm norteado a sua operacionalização, procura-se descrever a actuação dos Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra (SASUC), ilustrando-se, através da caracterização dos seus sectores, a concessão de apoios, directos e indirectos, aos estudantes.

---

**Título:** Tesouros da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

**Coordenação:** A. E. Maia do Amaral.

---

**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra.

Coimbra 2009

Valorizando mais do que a mera raridade bibliográfica, o plano da obra passa pelos edifícios, revelando uma mão-cheia de pormenores completamente desconhecidos e nunca vistos do – paradoxalmente – mais visitado edifício da cidade, mas também pelos seus manuscritos desde o século XII, pelas edições quinhentistas, pelos espólios científicos e literários que acolhe e pelos mais raros periódicos portugueses, sem esquecer a música, a fotografia e a imagem em todas as

suas formas, até a imagem da própria biblioteca, representada na sua identidade pelas suas marcas bibliográficas.

---

**Título:** Revista de Estudos do Século XX, nº 9. *Hipóteses de Século*

**Coordenação:** António Pedro Pita, Paulo Granja

---

**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra.

**Colaboração:** CEIS20

Coimbra 2009

Na história cultural do século XX, pretende-se ver tudo de todas as maneiras, de tudo trazer ao plano da sua instância histórica e crítica, da arquitectura ao discurso (e prática) patrimonial, do sindicalismo à boémia, da literatura ao jornalismo, do cinema à televisão.

Hipóteses, pois. No sentido em que testamos um caminho, um determinado percurso de compreensão e explicação, um ensaio. Mas também, no plural e só no plural, naquela acepção em que toda a reconstrução histórica depende do problema que a desencadeia e, portanto, não há singular possível.

---

**Título:** A Universidade de Coimbra – O Tangível e o Intangível

**Coordenação:** José Francisco de Faria Costa, Maria Helena da Cruz Coelho

---

**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra.

Coimbra 2009

*O Tangível e o Intangível* é um projecto-livro de apresentação e exposição da Universidade de Coimbra ao Mundo. Experiência inédita e longamente maturada, reúne vários dos nossos melhores autores (Aníbal Pinto de Castro, Lélío Quaresma Lobo, Maria José Azevedo Santos, Vítor Serrão) que nos guiam numa visita inesquecível por três continentes onde se encerram os melhores tesouros da Universidade de Coimbra, fundada em 1290 pelo rei D. Dinis: o Património Artístico, o Património

Documental e o Património Científico. Um livro especial, para ler e para rever sempre, para oferecer em momentos particulares e a destinatários seleccionados. Um livro que não se esgota porque é, ele mesmo, um desafio à nossa curiosidade intelectual, à nossa cultura e à nossa vontade de conhecer melhor esse tanto da história de Portugal que a Universidade de Coimbra transporta, com muito orgulho, dentro de si. Contém fotografias de João Armando Ribeiro e design e edição de imagem de António Barros.

---

**Título:** ACC – Os Rostos do Poder

---

**Coordenação:** João Pedro Campos

---

**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra.

Coimbra 2009

*AAC – Os Rostos do Poder* é um percurso pela história dos 101 presidentes da Associação Académica de Coimbra. Entre António Luís Gomes (1887) e Jorge Serrote (2009) é feita uma incursão pelos mandatos mas também pela vida que fizeram antes, durante e depois da passagem pela Academia. Política, Ensino, Direito, Medicina e Desporto são algumas das áreas onde estes históricos dirigentes estudantis se destacaram ao longo das suas carreiras.

---

**Título:** A Escola de Farmácia de Coimbra (1902-1911)

---

**Autor:** João Rui Pita

---

**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra. 15.º Número da Coleção *Ciências e Culturas*. Colaboração: CEIS20

Coimbra 2009

Nesta obra, o autor apresenta os resultados da investigação inédita que tem realizado sobre o ensino farmacêutico e a Escola de Farmácia da Universidade de Coimbra entre 1902 e 1911, dando a conhecer um conjunto de documentos relevantes para o entendimento do ensino farmacêutico na Universidade de Coimbra e em Portugal.

---

**Título:** Sílvio Lima e o Desporto

---

**Autor:** Pedro Falcão

---

**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra

Série *Documentos*.

Coimbra 2010

Sílvio Lima foi, em Portugal, o primeiro professor universitário a dedicar a sua investigação à problemática do desporto. Numa perspectiva filosófica, Sílvio Lima relaciona o desporto com múltiplas áreas da cultura humana. Enfrentando a mentalidade da sua época, realça a importância do desporto pelo valor formativo que apresenta e pelo seu carácter humanista. A promoção do desporto feminino, a individualização no desporto, a função regeneradora e integradora do desporto para o delinquentes, a necessidade da ins-titucionalização da medicina desportiva, a necessidade da regulação jurídica da actividade desportiva, a relação do desporto com a economia e a política, são alguns dos temas centrais que analisa nos seus escritos. A obra e o pensamento de Sílvio Lima sobre o desporto continuam a merecer, na actualidade, uma reflexão séria e um amplo e proficiente debate.

---

**Título:** Joelho 1: Mulheres na Arquitectura

---

**Coordenação:** Jorge Figueira

---

**Edição:** e|d|arq.

Coimbra 2010

A 'JOELHO 1: Mulheres na Arquitectura' inicia a IIª série da revista editada pelo e|d|arq 'em cima do joelho' (revista de cultura arquitectónica do Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra). Lançado no âmbito do evento 'Mulheres na Arquitectura', este primeiro número, coordenado pelo arquitecto Jorge Figueira, conta com os contributos de Silvana Rubino, Carla Lopes, Liliana Carvalho, Joana Bem-Haja, Filipa Cabrita, Inês Antunes e Telma Silva. Mais informações em [www.uc.pt/darq](http://www.uc.pt/darq).

A photograph of a stone wall with a rectangular window above an arched window. The text "Espaço das Escolas" is overlaid in the center. The wall is made of light-colored stone blocks. The rectangular window is set within a recessed frame and has a dark interior with a small white square. The arched window is also set within a recessed frame and has a dark interior with a small white square. The text is in a serif font, centered horizontally and vertically.

Espaço das Escolas

# A Torre da Universidade de Coimbra

António Filipe Pimentel \*

Na longa sucessão de sedimentos edificados que configura o Paço das Escolas, a torre setecentista que alberga o relógio e os sinos que regulam a vida académica constitui, obviamente, uma das mais jovens adições. E, não obstante, é ela, mais que nenhuma outra, a imagem icónica por excelência, não apenas da secular instituição mas, por via dela — e da ligação idiossincrática que plasmou com a cidade onde se alberga —, da própria urbe, sobre a qual avulta como um farol dominando o promontório onde, de facto, morfologicamente se levanta.

A sua proto-história remonta a 1537, quando, recém-chegada a Coimbra e na iminência de alojar-se no velho Paço Régio, a Universidade insiste, junto de D. João III — justificando que “nã podia aver boa ordem sem relógio” —, na transferência de Lisboa do especioso instrumento e do competente sino, adquiridos em finais do século XV. Dois anos mais tarde o monarca autorizaria a sua colocação no interior do pátio, “sobre a porta da entrada do terro dos paços”, mas o complexo esquema funcional engendrado pelo reitor Frei Diogo de Murça, de molde a albergar, a partir de 1544, o pleno das faculdades no que haviam sido os aposentos da Rainha, seria responsável pela transumância do precioso engenho (aliás de um novo, que entretanto o substituíra) para uma situação mais próxima da logística escolar que lhe competia regular: o cubelo voltado ao pátio, que abrigava as escadas centrais dos aposentos do Rei, alteado em virtude dessa operação e mais tarde demolido.

Problemas estruturais decorrentes da edificação, sobre essa torre, da nova casa do sino, estarão provavelmente na origem da decisão, tomada em 1561, de levar a cabo a edificação de uma torre de raiz, alojada junto ao ângulo noroeste do terreiro, cujos planos seriam cometidos a João de Ruão. Quanto à torre actual, ocupando sensivelmente o mesmo local, seria erguida entre 1728 e 1733 e para a história da sua edificação sobreviveria extensa informação — por completo omissa, todavia, no que respeita ao seu tracista.

De facto, em tal matéria, pesaria por muito tempo o enigma contido na provisão de D. João V, de 17.12.1728, dirigida ao reitor Francisco Carneiro de Figueiroa, onde, sobre as plantas para a nova torre por ele enviadas, riscadas por Gaspar Ferreira (que dirigira a edificação da Biblioteca), o monarca afirmava que “mandandose ver por Arquitectos desta corte não aprovarão a Arquetetura da d.<sup>a</sup> Torre e pello mais perito se mandou fazer a que com esta se vos remete, com a q. enviastes, da mesma altura e grandeza, mas de melhor fabrica”. Pouco mais de um ano depois, 17.01.1730, determinava o Rei que, “p.<sup>a</sup> satisfaçam do Arquitetto que fez a planta p.<sup>a</sup> a torre da un.de” (cujo nome, uma vez mais, se não indicava), se despendesse da arca escolar a quantia de 48 000 rs. — verba que, na verdade, produz violento contraste com os modestos 6 400 rs. que, em Março de 28, haviam sido entregues a Gaspar Ferreira para o mesmo efeito.

Porém, a emergência de nova documentação, resul-



tante da denúncia endereçada à Mesa da Consciência e Ordens, em meados de 1728, pelo tesoureiro da Capela, de ter a Universidade empreendido a construção da torre nova sem munir-se de autorização real, sacrificando, em seu proveito, “a melhor obra que tinha aquela cidade” (a torre de Ruão) e, para cúmulo, confiando a empresa a um *entalhador, metido a Arquitecto* (Gaspar Ferreira), iria permitir, em definitivo, esclarecer a questão.

De facto, suspensa a obra por ordem do monarca e repreendida competentemente a Escola, requisitaria este a planta e orçamento da torre, exigências que o reitor satisfaria, entre justificações, não, aliás, sem promover a realização de nova planta (a “última planta do M.e”), decerto mais cuidada, impetrando ao Rei se dignasse conceder licença para a sua prossecução “de contrario se perderia a despesa feita”. Reservaria, porém, para o fim o melhor argumento: o de que o próprio soberano havia “mostrado desejos de q. na vnd.e florea a sciencia de Mathematica p.<sup>a</sup> q. lhe havia S. Mag.e ordenado comprasse l.os novos, e instrumentos Mathematicos, e parecer necessário haver na Torre hum observatório por não achar o P.e D.os Capaci outro citio maes capas, e com a mayor altura e largura della se evitava a g.de despeza se se houvesse de fazer o observatório em outra p.te como representara a S. Mag.e e a largura bastava ser capas p.<sup>a</sup> vinte pessoas”.

Ponderado o conturbado processo em que a obra da torre tinha convertido (uma vez consumada a demolição da antiga), e vista a traça feita pelo mestre universitário, decide-se então encarregar Lázaro Leitão Aranha de que “mostrasse a d.<sup>a</sup> planta aos Arquittos desta Corte”. E, desaprovada esta, “se mandou fazer outra pello Arquitteto Romano António Canavari”, a qual se expediria para Coimbra, a 17 de Dezembro — antecedida, na véspera, da ordem para o pagamento dos 48 000 rs. “p.<sup>a</sup> satisfação do Arquitteto”.

A construção da torre universitária acabaria, pois, por ser viabilizada (nessa circunstância se inscrevendo a documentação conhecida), concluindo-se em

Julho de 1733, após um dispêndio de 14 543\$522 rs. Na decisão real terá pesado (a par da inevitabilidade da obra, uma vez consumada a demolição da antiga) a relevância que revestia do ponto de vista do incremento na Universidade dos estudos matemáticos e das observações astronómicas e o parecer de Domingos Capacci, que não teria achado “outro citio mães capas”. Restava, pois, fazer substituir as traças provincianas de Gaspar Ferreira por um novo projecto, cometido ao arquitecto *mais perito*: o qual, por esses anos e pela aura que rodeara a sua vinda era, sem dúvida, António Canevari — como, aliás, a historiografia da arte há muito intuía.

Porém, forçado a respeitar condicionantes. De facto, a altura e largura da base da nova torre coimbrã (bastante ampliada, por razão da sua maior altura, em relação à torre quinhentista) seriam definidas na planta de Gaspar Ferreira. E definido ficara também o seu acabamento em forma de terraço, a fim de aí instalar o observatório recomendado pelo Rei e os competentes *instrumentos Mathematicos*. Ao *perito* arquitecto não restava, pois, mais que reformulá-la, “da mesma altura e grandeza mas de melhor fabrica”. O que efectivamente fez, criando, com a torre da Universidade, um raro protótipo de torre campanária civil, serena e majestosa, um pouco seca nas suas linhas severamente modeladas, quebradas somente pelo lavor delicadíssimo do frontão, originalmente rematado em ático, por forma a suportar o surpreendente observatório em que afinal consiste.

Mas também Gaspar Ferreira tem parte de relevo na obra final. Se o seu palmarés de *entalhador, metido a Arquitteto* o não habilitaria, certamente, a conceber a nova torre à altura da grandeza a que a Universidade estava habituada, essa mesma sua intuição para o rigor da execução do ornato e a ciência prática adquirida na Casa da Livraria, desde que assumira a sua direcção, não deixariam de ser reconhecidas pela Mesa, ao confiar-lhe igualmente, afinal, a direcção da nova empresa — rendendo-se, como em quase tudo no controverso *negócio* em que a erecção da torre se havia convertido, à situação *de facto*



entretanto criada. Pelo que a ele se deve, inquestionavelmente, essa demonstração de “saber fazer” que avulta no trabalho realizado, sem o que o risco do *romano* se teria fatalmente pervertido.

\* Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra  
Director do Museu Nacional de Arte Antiga

#### Bibliografia

António Filipe Pimentel:

- A Morada da Sabedoria. I. O Paço Real de Coimbra: das origens ao estabelecimento da Universidade, Coimbra, Almedina, 2005;
- “António Canevari e a Torre da Universidade de Coimbra”, Artistas e Artífices e a sua mobilidade no mundo de expressão portuguesa, Actas, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005.





Temas

XII Semana Cultural da  
Universidade de Coimbra

# *Causa pública: o público e o mediático*

Pedro Dias da Silva

No ano em que, através de inúmeras iniciativas, o país comemora o centenário da implantação da República Portuguesa, seria incontornável que a escolha do tema da XII Semana Cultural da Universidade de Coimbra (UC), uma organização da Reitoria da UC, se lhe reportasse directamente, dada a sua enorme importância para a história da Sociedade e da Universidade em Portugal.

Prosseguindo a filosofia subjacente a esta iniciativa – que este ano decorreu, *grossomodo*, entre 1 e 6 de Março –, que procura estimular uma reflexão crítica que vise não só compreender e servir o presente mas, igualmente, prever, antecipar e burilar o futuro, os membros da comunidade universitária foram convidados a exprimir o modo como os conceitos associados ao mote *Causa Pública* concorrem para as suas práticas quotidianas. O objectivo foi, assim, dar a conhecer ao exterior as múltiplas actividades desenvolvidas no seio da UC.

Dessa forma, este tema, segundo José António Bandeirinha, pró-Reitor para a Cultura da UC, “congrega a essência conceptual do universo de representações do domínio público, num quotidiano em permanente convulsão, bem como as consequentes reflexões que daí poderão advir para as artes, para as ciências e para as humanidades. A intenção é que as palavras que dão corpo a esse lema, mais que um mero pretexto, sejam também, e sobretudo, uma oportunidade para a comunidade universitária reflectir sobre a(s) sua(s) própria(s) actividade(s), aquela(s) que desenvolve(m) no seio da instituição e, por outro, em que medida é que essa(s) actividade(s) se cruza(m) com a sociedade mais vasta que integra”. Hoje, como no passado, existe um reverso de realidade que geralmente esquecemos, fechando os olhos ou passando-lhe ao lado. No entanto, a comunidade académica voltou a corresponder abrindo-se e, consoante as chaves de que dispunha, olhou os interiores, os exteriores ou procurou sinais de mudança. Daí que o seu envolvimento generalizado tenha abarcado, não só a maioria das unidades orgânicas da UC, mas igualmente a comunidade estudantil, por entre propostas diversificadas dos núcleos de estudantes das faculdades, Repúblicas e secções e organismos autónomos da Associação Académica de Coimbra.

Entre exposições, concertos, debates, conferências, colóquios, intervenções públicas, apresentações cinematográficas, actividades desportivas, workshops ou edições de livros (num total de iniciativas que ultrapassou as sete dezenas), um espectro alargado de áreas do conhecimento foi colocado em evidência, num programa vasto que funcionou como espelho reflector dos saberes e capacidade da UC – enquanto unidade produtora mas, sobretudo, como veículo difusor dessa riqueza alcançada

através de uma prática que busca, a partir de um conjunto de olhares e por meio de linguagens múltiplas, a compreensão do mundo para uma vasta comunidade, muito para além da académica. Numa viagem pela urbanidade, iluminada pela força das ideias que sublimam a cultura contemporânea, tanto no confronto como na síntese, a grande maioria dos proponentes procurou ir ao encontro da temática aglutinadora proposta.

Convidada para conceber e produzir a parte da programação da XII Semana Cultural externa à UC, a associação cultural A Escola da Noite — Grupo de Teatro de Coimbra propôs o ciclo *Do monólogo, coisa pública*, pensado a partir do tema geral unificador, cuja pertinência se explica pela contemporaneidade dessa forma de expressão artística. Citando o seu director artístico, António Augusto Barros, “Um homem ou uma mulher em cena podem ser um mundo em si próprios, acompanhando a pluralização do eu que o século passado promoveu como nenhum outro, falam com as suas vozes, os seus outros eus; e falam com o mundo, são ícones do mundo, resistindo à incomunicação que medra nas cidades”. E, é através deles que dialogam e se confrontam disciplinas diversas, todas interagindo de forma mais ou menos directa. E o monólogo, enquanto espaço de reflexão, funciona, como se provou, como *espaço* agregador.

Este ciclo incluiu seis espectáculos: *Solo I e II*, concerto de António Pinho Vargas; *Vulcão*, uma encenação de João Grosso, a partir de texto de Abel Neves, interpretado por Custódia Gallego; *Historias Tricolores: ou de como aqueles animalinhos proclamaram a República*, uma viagem pela história recente de Espanha através das memórias dos personagens incarnados por Cândido Pazó; *Concerto à la Carte*, trabalho da Companhia de Teatro de Braga protagonizado por Ana Bustorff, segundo texto do dramaturgo Franz Xaver Kroetz; *Mary Stuart* e *Calendário da Pedra*, concepções teatrais da autoria da brasileira Denise Stoklos, apologista do seu “Teatro Essencial”. Ainda que fora do ciclo, o espectáculo de apresentação de *Femina*, desenvolvido pelo músico The Legendary Tigerman a partir do álbum homónimo que documenta o encontro deste criador com diversas cantoras, e que assinalou o 24<sup>a</sup> aniversário da Rádio Universidade de Coimbra, funcionou como uma espécie de extensão e encerramento das actividades programadas pel’ A Escola Noite.

Para além destes eventos, que se repartiram pelo Teatro Académico de Gil Vicente e pelo Teatro da Cerca de São Bernardo, as actividades propostas incluíram ainda o workshop *A oralidade no actor*, dirigido por Cândido Pazó, e dois debates com intervenções dos artistas presentes e de especialistas em artes cénicas.

Em suma, a Semana Cultural da UC afirmou-se, mais uma vez, como um passo certo na reflexão sobre as relações que UC pode, e deve, manter com a sociedade civil em que está inequivocamente inserida, e que permite continuar a provar que é mais do que um espaço com regras ou uma sociedade hierarquizada. É igualmente uma comunidade espiritual e artística marcada por figuras tutelares do pensamento e da criação, capaz de responder aos mais diversos desafios que se lhe afigurem. O questionamento e a interacção sistemática com o mundo contemporâneo continuam, assim, a constituir um dos seus desafios, o que permite, em absoluto, caracterizá-la como território de cultura.





*Do monólogo, coisa pública: criação, formação e reflexão*

# Seis dias para reduzir o monólogo ao seu mais irredutível

Pedro Crisóstomo e Sara Oliveira

Bufon, por CITAC

Um pianista a solo habituado a escrever para outros. Uma mulher que vive a própria tragédia a dialogar em silêncio até à morte. Outra que grita, só agora grita, habituada a guardar coisas e segredos. Um contador de histórias multiplicado em momentos de comédia tricolor. Uma *performer* que é um dia metade livre, metade prisão e no outro personagem de um tempo irreal. Todos, no palco, personagens em monólogo, todos, fora dele, em diálogo no espaço público.

A ideia era precisamente essa: reflectir, a partir da *Causa Pública*, o tema da XII Semana Cultural da Universidade de Coimbra (UC), o monólogo como coisa pública – ou, mais bem dito, *do monólogo, coisa pública*, assim chamado o ciclo de criação, formação e reflexão proposto pela Escola da Noite e pela Reitoria da UC e que contou de 1 a 6 de Março com um solo musical, cinco monólogos, duas formações de workshop e dois espaços de debate sobre o tema.

A semana centrou-se, sobretudo, no monólogo no teatro, a vê-lo e a discuti-lo – entre criadores, fazedores e investigadores –, mas houve também espaço para alargar o confronto de posições à música, à dança e ao cinema. Ouviu falar-se em forma de exibição técnica, exercício do tempo, ocupação de território, partitura musical, desnudamento pelo contrário ou deslocação para o diálogo.

António Augusto Barros, director artístico d'A Escola da Noite e o autor da ideia, havia já lançado alguns dados ao escrever: “um homem ou uma mulher em cena podem ser um mundo em si próprios, acompanhando a pluralização do eu que o século passado promoveu como nenhum outro, falam com as suas outras vozes, os seus outros eus; e falam com o mundo, são ícones do mundo, resistindo à incomunicação que medra nas cidades, à insatisfação, à mutilação do desejo, ao abandono dos velhos, dos marginais, das crianças, dos desempregados, dos esfomeados”.

## **Dialogar em silêncio**

António Pinho Vargas repetiria isso mesmo na escuridão do palco, com *Solo I e II*, a primeira das *performances* do ciclo: outras vozes, outros eus. Ou aquilo que o pianista, “muitas vezes autor de um texto para outros”, explicaria mais tarde serem, na música, circunstâncias de “significação em si”, ao falar da forma como o solo pode ser um equivalente a alguns monólogos.

Com *A Dança dos Pássaros* abriu e fechou o espectáculo e com a mesma partitura voltaria ao palco do Teatro Académico Gil Vicente (TAGV), já pela rádio, para interromper o silêncio de uma hora e meia da personagem de Ana Bustorff em *Concerto à la Carte*. Porque, mesmo em silêncio – frase de Rui Madeira, o encenador deste monólogo do realismo alemão – “um espectáculo sendo ou não um monólogo é sempre uma partitura musical”.

E este é um texto, continua o encenador, sobre o exercício do tempo e do fazer (num tempo em que o teatro “quase não tem tempo”); um retrato real e concreto da rotina de uma voz sempre em silêncio (num monólogo que trabalha “sobre o tempo teatral”); um olhar sobre uma mulher que dialoga com o público sem esboçar uma palavra (numa “tentativa provocatória de saber como é que passamos da nossa cabeça para outra”).

### **O grito**

Em monólogo viveu também Custódia Gallego um texto violento de Abel Neves sobre uma mulher que, por não nunca ter tido a sensação de andar no chão, ficou calada durante anos a sofrer a violência do próprio marido e só agora pode gritar “com todas as letras”. Não por *Vulcão* ser um grito à liberdade – tão só por ser um monólogo –, a actriz não quer ser apenas “uma pessoa a falar sozinha, mas que toda a gente ouça”.

É deste monólogo não construído como monólogo que leva Afonso Becerra de Becerreá, professor da Escola Superior de Arte Dramática de Galicia, a considerar que, na realidade, “não existe monólogo no teatro”. Fernando Matos Oliveira, professor de Estudos Artísticos na Faculdade de Letras, prefere falar em “deslocação do monólogo para diálogo”. Como e com quem dialoga, pois, o actor? “Com o público, com outras personagens; a própria personagem que o interpreta dialoga consigo mesmo e com personagens ausentes”, aponta Becerreá.

### **Do desnudamento pelo contrário**

Mais reticente em relação à ideia da inexistência de monólogo está Abílio Hernandez, também professor de Estudos Artísticos. “O que eu tiro daqui não é que o monólogo não existe; é que o reconhecimento da alteridade faz parte da natureza do monólogo (ainda que isso seja uma contradição)”. O que, “sendo uma apropriação (e um acto que pretende não desejar uma resposta), pode ser uma forma de exibição, de desnudamento pelo contrário, ocupando a cena, ocupando o território”. João Maria André, professor do mesmo curso, sugere no mesmo sentido: se perguntarmos o que é um diálogo, “virá alguém lembrar que é uma estratégia do monólogo; será que uma peça de teatro [dialogada] não é um monólogo do actor?”.

Para o galego Cándido Pazó, que veio a Coimbra representar *Historias Tricolores ou de como aqueles animalinhos proclamaram a república* e orientar uma formação sobre a *Oralidade no actor*, o monólogo, tal como o diálogo, terá de ser “eficaz como acto de comunicação”. Só aí será como um funil, metaforiza, em que “a realidade está em cima e vai baixando, baixando, até cair para o público”.

### **O monólogo dança?**

Só “forçando um bocadinho” poderemos falar de monólogo para lá do teatro. Pelo menos, é esta a interpretação dada por Daniel Tércio, professor na Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa, quando fala em solilóquio na dança. “Tem alguma coisa de semelhante pela experiência da exibição técnica”, mas não o suficiente para ser estruturante na dramaturgia coreográfica.

“Quando a dança contemporânea introduz a palavra, ela surge como uma das extensões do corpo”, como se fosse uma maneira de se dar a ver e a ouvir. “Onde está o limite do meu corpo? No meu cheiro? Na minha palavra? No alcance do meu olhar?”.

### **Do Brasil, o corpo e a palavra**

Falar do corpo, do cheiro, da palavra, do olhar é falar de Denise Stoklos. No *solo performance* – uma modalidade de monólogo que a actriz brasileira veio mostrar a Coimbra em dois espectáculos, em que é simultaneamente coreógrafa, encenadora e intérprete – tanto o corpo como a palavra ganham no palco a mesma importância.

A deslocação do personagem para *performer* que introduz mostra como a “coreógrafa necessita dessa actriz” para estar representar. O texto é construído através de uma necessidade; a coreografia molda-se ao conhecimento



que a actriz tem do próprio corpo; o espectáculo responde pela *performer*, com o tabuado despojado e pouco mais como cenário. Há, em tudo, uma energia centrada na personagem, sozinha no palco – em permanente comunicação com a plateia.

Os espectáculos que trouxe a Coimbra servem-se dessa aparente camada superficial – “a mais imediatamente lida” – para levantar outras leituras – “os símbolos, as metáforas, as questões mais profundas do que as tratadas nessa camada visível”. Em *Mary Stuart*, Denise Stoklos é duas vidas: uma livre, a outra prisão. E é a esta segunda leitura que a actriz quer fazer chegar o público: “à mulher presa aos preconceitos, presa pela força da sobrevivência, presa pela força da conveniência”.

Em *Calendário da Pedra*, é personagem que “não tem nome, porque é todos nós”. “Qual é o meu nome? É o nome de todo o mundo”, ouve-se em palco. Perseguida por pensamentos e vulnerabilidades, pergunta: “se vocês não me virem, como é que eu me posso ver?”. E, assim, encerra, numa frase, o que andamos por aí a fazer com os monólogos: a questionar quem faz, a questionar quem vê, reduzindo o monólogo ao seu mais irreduzível – a presença perante os outros.

A Semana Cultural encerrou já fora do círculo de iniciativas do monólogo..., desta vez com um outro: *Femina*, de Paulo Furtado em concerto como The Legendary Tigerman, no TAGV.

*[As citações de António Pinho Vargas, Rui Madeira, Custódia Gallego, Afonso Berra de Becerreá, Fernando Matos Oliveira, Abílio Hernandez, João Maria André, Cândido Pazó, Daniel Tércio e Denise Stoklos resultam das intervenções e da discussão de cada um nos dois espaços de debate do ciclo “do monólogo, coisa pública”]*



*Milhares de estudantes formados pela Universidade de Coimbra, espalhados pelo País e pelo Mundo, nas mais diversas áreas da sociedade, reunidos agora na mesma Rede.*

Visite-nos em [www.uc.pt/antigos-estudantes](http://www.uc.pt/antigos-estudantes)

## Rede UC

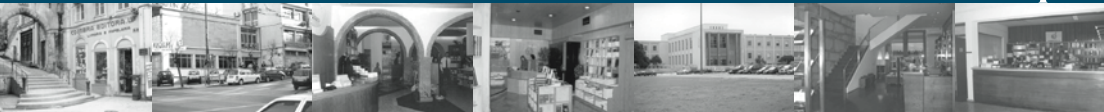
Rede de Antigos Estudantes da Universidade de Coimbra  
Gabinete de Comunicação e Identidade  
Universidade de Coimbra  
Apartado 3020 • 3001-401 Coimbra  
[antigos-estudantes@uc.pt](mailto:antigos-estudantes@uc.pt)

A/C Eng. Isabel Gomes • Tlm: +351 96 44 53 222

REDE  
UC

REDE DE ANTIGOS ESTUDANTES  
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

[www.coimbraeditora.pt](http://www.coimbraeditora.pt)



LIVRARIA FERREIRA BORGES  
Rua Ferreira Borges, 77  
Coimbra

LIVRARIA AAC-COIMBRA  
Rua Padre António Vieira  
Edifício AAC  
Coimbra

LIVRARIA CHIADO-LISBOA  
Rua Nova do Almada, 90  
Lisboa

LIVRARIA JURÍDICA - LISBOA  
Centro Comercial Arco-Iris  
Av. Ilídio Diniz, 6 A  
Lisboa

LIVRARIA FDL - LISBOA  
Faculdade de Direito da  
Universidade de Lisboa

LIVRARIA JURÍDICA DO PORTO  
Rua Cândido dos Reis, 81  
Porto

LIVRARIA FDP - PORTO  
Faculdade de Direito da Universidade do Porto



AB VNO AD OMNES

Coimbra Editora

NA  
ALMEDINA

70

A  
ACTUAL EDITORA

# De Especialistas para Especialistas

ASSINATURA ANUAL DA REVISTA RUA LARGA (4 números)\*: Estudantes e Antigos Estudantes da UC: 25€ • Outros: 30€ • Avulso (cada número): 7€(IVA incluído) • Números Anteriores: 7€

Ao assinar a Rua Larga através das Tipologias Adicionais de Relacionamento com a Universidade de Coimbra, para além dos quatro números da revista pode também ter acesso a uma série de benefícios e descontos que a Rede UC lhe proporciona:

**T2:** Esta Tipologia possibilita aos seus aderentes apoio em áreas diversas, tais como na obtenção de contactos no seio da Rede UC, no recrutamento, ou no acesso a formação pós-graduada. 35€/ano

**T3:** Permitindo uma maior proximidade no relacionamento com a Universidade de Coimbra, a esta Tipologia acresce a possibilidade de participação directa nas iniciativas oficiais da Universidade, e de apoio personalizado ao estabelecimento de parcerias e colaborações. 60€/ano

Assinaturas através da Rede UC [www.uc.pt/antigos-estudantes](http://www.uc.pt/antigos-estudantes), ou pela Internet em [www.uc.pt/rualarga](http://www.uc.pt/rualarga).

Os preços incluem IVA, e portes de correio nacionais.

\* A assinatura pode ter lugar em qualquer altura do ano, passando a anuidade a contar a partir desse momento, independentemente do ano civil.

## NOVAS TIPOLOGIAS DE RELACIONAMENTO COM A UNIVERSIDADE DE COIMBRA

A Universidade de Coimbra promove, dinamiza e apoia o estabelecimento de relações, projectos e parcerias com o mundo exterior, contribuindo para a aproximação e aprendizagem recíprocas.

Nesse sentido, encontram-se definidas diferentes formas de relacionamento, incluindo a utilização de marcas próprias, onde se incluem as seguintes:



**Parceiro:** As entidades Parceiras ligam-se umbilicalmente à Universidade de Coimbra através de uma relação mutuamente aprofundada, desenvolvendo em conjunto projectos diversificados, de dimensão e impacto significativos.



**Aliado:** As entidades Aliadas assumem uma relação de proximidade com a Universidade de Coimbra, que as apoia e acompanha em diferentes iniciativas e na resolução de problemas específicos.

Mais informações em [www.uc.pt/gats](http://www.uc.pt/gats)



# Órgão +

Concertos das Quintas (II Ciclo) • 2010

Universidade de Coimbra  
Capela de S. Miguel • 18h30

**6 Maio** • Órgão: **João Santos** + Alto: **Joana Neto** + Violino **António Ramos**  
**10 Junho** • Órgão: **Paulo Alvim** + Soprano: **Angela Alves**  
**1 Julho** • Órgão: **Edite Rocha** + Corneto: **Manuel Pascual**  
**5 Agosto** • Órgão: **Paulo Bernardino** + Violoncelo: **Raquel Ribeiro**

[www.uc.pt/cultura](http://www.uc.pt/cultura)

Entrada Livre

Organização: Reitoria da Universidade de Coimbra